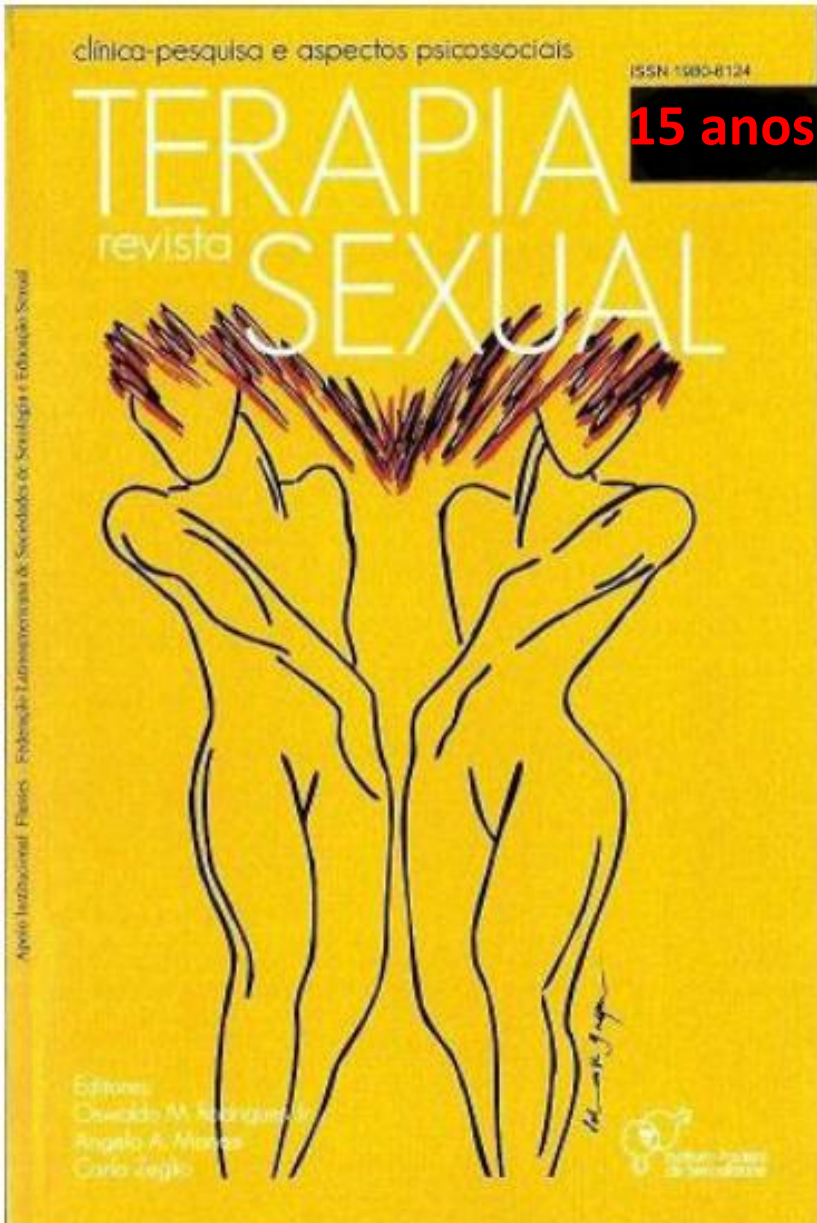
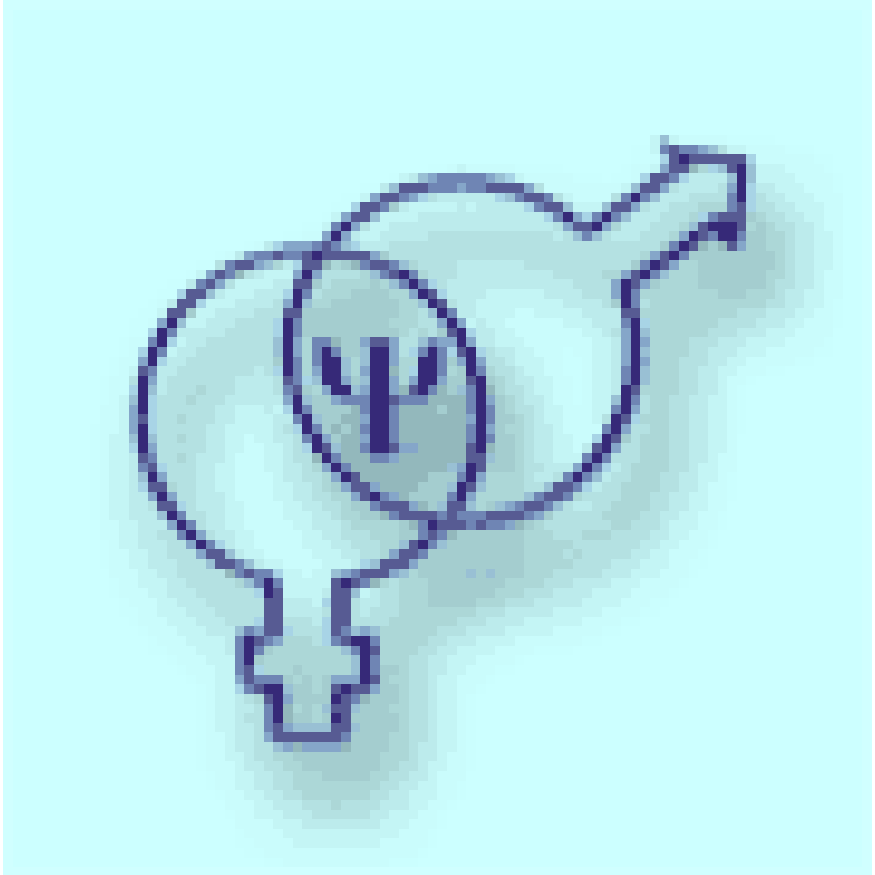


# Terapia Sexual, XV(2):2012





## **Terapia Sexual**

Clínica, pesquisa  
e aspectos psicossociais

## Terapia Sexual

Clínica, pesquisa  
e aspectos psicossociais

---



**Instituto Paulista de Sexualidade**  
Volume XV – número 2 – julho a dezembro de 2012.  
ISSN 1980-6124

---

## Expediente

*Terapia Sexual – clínica, pesquisa e aspectos psicossociais* é órgão oficial de divulgação científica do Instituto Paulista de Sexualidade (InPaSex).

**Indexada** no *Índex Psi Periódicos*, *BVS Psicologia* e **Periódica** (base de dados bibliográfica de revistas de ciencias y tecnología); **Latindex**;

**Apoio institucional:** FLASSES – Federação Latino-Americana de Sociedade de Sexologia e Educação Sexual.

**Editor-Chefe:** Oswaldo Martins Rodrigues Jr.

**Co-Editores:** Ângelo A. Monesi e Carla Zeglio

### Conselho Editorial:

Carlos da Ros - UFRS-FFFCMPA – Departamento de Urologia

Ernani Rhoden - UFCSPA – Departamento de Urologia

Gilda Fuchs - UFBA – Faculdade de Medicina – Departamento de Psiquiatria

Hugues França Ribeiro - UNESP – Departamento de Psicologia Educacional

Igor Finotelli Jr. – Universidade São Francisco (SP)

João Benévolo Xavier Neto - UFRN – Departamento de Medicina

Lucia Pesca - ABEIS – clínica privada

Maria Alvers de Toledo Bruns (USP-SP)

Maria do Carmo Andrade e Silva – SBRASH – clínica privada

Mauro Cherobim - UNESP - Departamento de Antropologia

Paulo C. Kautz – Universidade Regional Integrada – Erechim (RS) - Departamento de Psicologia

Paulo César Ribeiro Martins - UPF – Departamento de Psicologia

Sérgio J. Almeida - FAMERP – Departamento de Urologia

### Conselho Editorial internacional:

Alma Aldana (México)

Andrés Flores Colombino (FLASSES - Uruguai)

Antonio León Rodríguez (Universidad Cristiana Latinoamericana – Dep. Psic. – Quito, Equador)

Antonio Pacheco Palha (Univ. do Porto, Portugal – Departamento de Psiquiatria)

Bernardo Useche (Universidad Autónoma de Bucaramanga - Colombia – Departamento de Psicología)

Carlos Pol Bravo (Espanha – Colômbia)

Eduardo Alfonso Aguirre Sandoval (Ben. Univ. Autónoma de Puebla – MX – Dep. de Psicología)

Eusébio Rúbio Aurióles (WAS, FEMEES, México)

José Manuel González (Universidad Simon Bolívar, Colômbia – Departamento de Psicología)

Juan José Borrás (Espanha)

Marisalva Fernandes Fávoro (Instituto Superior da Maia, Portugal, Departamento de Sexologia)

Maura Villasanti (Universidad Católica, Paraguai – Departamento de Psicología)

Myriam Calero (Uruguai – psiquiatra – clínica privada)

Pedro Nobre (Universidade de Trás dos Montes – Portugal – Departamento de Psicología)

Roberto Rosenzvaig (Univ. Diego Portales, Chile – Departamento de Psicología)

Rodolfo Rodrigues Castelo (Univ. de Guayaquil, Equador – Departamento de Psiquiatria)

**Ilustração da Capa:** Solange Gaspar

Endereço de correspondência, redação e informações:

**Instituto Paulista de Sexualidade**

rua Angatuba, 370 – Pacaembu

01247-000 – São Paulo-SP

Brasil

Fone: 55-11-3662-3139

e-mail: [inpasex@uol.com.br](mailto:inpasex@uol.com.br) / [oswrod@uol.com.br](mailto:oswrod@uol.com.br) / <http://www.inpasex.com.br>

## Normas para aceitação dos originais - português

**Terapia Sexual – clínica, pesquisa e aspectos psicossociais** é órgão oficial de divulgação científica do **Instituto Paulista de Sexualidade (InPaSex)** e visa a publicação de artigos relacionados à Terapia Sexual, enquanto prática específica de atuação no campo da saúde emocional e social.

A periodicidade da revista é semestral, com edições nos meses de agosto e fevereiro de cada ano.

Serão aceitos artigos originais não comprometidos com outras publicações em território brasileiro.

A revista foi concebida de forma a permitir aos profissionais que atuam em terapia sexual terem material publicado que os oriente sobre questões concernentes a sua prática clínica.

São aceitos artigos em língua portuguesa e espanhola, visando um mundo científico mais amalgamado na América Latina.

### Critérios para aceitação dos originais.

Os artigos devem encaixar-se nas modalidades previstas pela editoria e enviados em disquetes ou anexados em *e-mail* em programas de edição de texto de plataforma *windows*. O artigo recebido deve vir acompanhado de carta com a solicitação de apreciação e publicação e cessão de direitos autorais à revista **Terapia Sexual – clínica, pesquisa e aspectos psicossociais**.

A seleção dos artigos fica a cargo da **Comissão Editorial**, formada pelo editor-chefe e pelos coeditores, segundo critérios científicos e de adequação à proposta da revista. O **Conselho Editorial** opinará sobre os artigos a serem publicados por meio de dois membros a cada artigo enviado. Os membros do Conselho, após exame do artigo, opinarão sobre a possibilidade de publicação e possíveis ou necessárias modificações de conteúdo.

A editoria da revista não se compromete a devolver quaisquer materiais enviados com o objetivo de publicação. Uma vez recusado o artigo, os autores serão avisados das razões do veto da **Comissão Editorial** e do **Conselho Editorial**. A **Comissão Editorial** reserva-se o direito de solicitar modificações ao artigo visando a publicação, seja por questões de inserção gráfica, extensão do texto ou conteúdo; no caso de discordância dos autores o artigo não será publicado.

Os artigos podem ser incluídos nas seguintes seções:

- Artigos Opinativos
- Artigos de Revisão de Literatura
- Aplicativos de Teorias
- Artigos de Pesquisas
- Históricos de Casos
- Comunicações Breves
- Resumos Comentados de artigos publicados em outros periódicos

Os artigos devem conter um **resumo** de no máximo 200 palavras. Este resumo deve ser preferencialmente também ser apresentado vertido para a língua inglesa.

Quanto às referências, usar o esquema autor(a)/ano no decorrer do texto. Ao final, seguir esquema: autor(es). (ano): Título. Cidade, Editora. Exemplos:

RODRIGUES JR. Oswaldo M. (2001): **Aprimorando a saúde sexual**. São Paulo, Summus.

CASILLA, Valeriano M. (2003): Roma falou... e algumas questões da sexualidade. In: **Terapia Sexual**, VI(2):51-59.

Endereço pra encaminhamento dos originais:

**Instituto Paulista de Sexualidade**

rua Angatuba, 370 – Pacaembu

01247-000 – São Paulo-SP

Brasil

Fone: 55-11-3662-3139

Ou [inpasesx@uol.com.br](mailto:inpasesx@uol.com.br)

Oswaldo M. Rodrigues Jr.

Editor Chefe

**Normas para aceptar originales – español**

Terapia Sexual – clínica, pesquisa e aspectos psicosociais és el órgano oficial de divulgación científica del **Instituto Paulista de Sexualidad – InPaSex**.

Tiene como objetivo la publicación de artículos relacionados con la Terapia Sexual, como práctica específica de actuación en el campo de la salud emocional y social.

La periodicidad de la revista será semestral, con ediciones en los meses de febrero y agosto de cada año.

Se aceptan artículos originales no comprometidos con otras publicaciones dentro del territorio brasileño.

La revista fué pensada de modo a permitir que los profesionales que actúan en terapia sexual tengan material publicado que les oriente sobre algunas cuestiones concernientes a su práctica clínica.

Se aceptan artículos en portugués y español, objetivando un mundo científico más amalgamado con América Latina.

**Criterios para aceptar originales**

Los artículos deben encajarse en las modalidades previstas por el editorial y enviados en discos o anexados en e-mail, en programas de edición de textos de plataforma windows. El artículo recibido debe venir acompañado de carta solicitando análisis y publicación, bien como cesión de derechos autorales a la revista Terapia Sexual – clínica, pesquisa e aspectos psicosociais.

La selección de los artículos queda a cargo de la **Comisión Editorial**, compuesta por el editor-jefe y por los co-editores, de acuerdo con criterios científicos y de adecuación a la propuesta de la revista. El **Consejo Editorial** opinará sobre los artículos a publicar por medio de dos miembros para cada artículo enviado. Los miembros del Consejo, después de examinar el artículo, opinarán sobre la posibilidad de publicación.

El editorial de la revista no se compromete a devolver cualquier material enviado para publicación. Una vez recusado, los autores serán comunicados de las razones del veto de la Comisión Editorial y del Consejo Editorial. La Comisión Editorial se reserva el derecho de solicitar modificaciones al artículo para publicación. Si los autores no están de acuerdo con las modificaciones solicitadas, el artículo no será publicado.

Los artículos pueden ser incluirse en las siguientes secciones:

- Artículos Opinativos
- Artículos de Revisión de Literatura
- Artículos de Teorías
- Artículos de Pesquisas
- Históricos de Casos
- Comunicaciones Breves
- Resúmenes Comentados de artículos publicados en otros medios.

Los artículos deben contener un resumen de, al máximo, 200 palabras. Este resumen debe ser presentado también en inglés.

Cuanto a las referencias citadas, debe ser usado el esquema: autor(a)/año en el decorrer del texto. Al final, seguir el esquema: autor(es). (año): Título. Ciudad. Editora.

Ejemplo:

RODRIGUES JR., Oswaldo M. (2001): **Aprimorando a saúde sexual**. São Paulo, Summus.

CASILLAS, Valeriano M. (2003): Roma falou... e algumas questões da sexualidade. In: **Terapia Sexual**, VI(2):51-59.

Dirección para enviar originales:

**Instituto Paulista de Sexualidade**

rua Angatuba, 370 – Pacaembu

01247-000 – São Paulo-SP

Brasil

o a la dirección eletrónica: [inpases@uol.com.br](mailto:inpases@uol.com.br)

Atentamente,  
Oswaldo M. Rodrigues Jr.  
Editor Chefe

## Índice

<b>Editorial</b>	<b>09</b>
Editora convidada – Profa. Dra. Marisalva Fávero	
As dinâmicas sexuais relevantes para a saúde sexual dos adolescentes.	<b>11</b>
<i>Relevant sexual dynamics to adolescent sexual health</i> Marisalva Fávero, Carla Maia & Amaia Del Campo	
Representações sociais da prostituição e o seu enquadramento jurídico-legal.	<b>29</b>
<i>Social representations of prostitution and its legal framework</i> Eliana Oliveira, Marisalva Fávero, Amaia Del Campo & Fátima Ferreira	
A violência nas relações amorosas dos adolescentes.	<b>43</b>
<i>The adolescent dating violence</i> Marisalva Fávero, Joana Gonçalves Vasconcelos & Amaia Del Campo	
Violência Sexual nas Relações Amorosas Ocasionais em Jovens. Portugueses Universitários.	<b>57</b>
<i>Sexual Violence in Casual Relationships among Portuguese College Students</i> Marisalva Fávero, Fátima Ferreira, Joana Silva & Amaia Del Campo	
Compreendendo as escolhas sexuais femininas: uma análise da validade da teoria evolucionista na explicação do critério sexual feminino.	<b>71</b>
<i>Understanding the feminine sexual choice: analyzing the evolutionist theory validity in explaining the feminine sexual criteria</i> Fátima Ferreira & Marisalva Fávero	



## Editorial

Não sendo consensual a terminologia que a designa, a sexologia, designação tradicional, configura-se como um campo de conhecimento jovem, quando comparada com outros domínios das ciências sociais e humanas e da saúde. No entanto, desde o seu nascimento (ou “gravidez”) passou por diferentes ciclos, desde o bloco pré-científico, com ênfase ora na medicina, ora na religião, até a sua interface com a psicologia jurídica ou da justiça. Ciclos estes que têm transformado a sexualidade humana numa área fértil de produção científica, redundando em numerosos artigos científicos, revistas da especialidade e eventos científicos de âmbito internacional.

Como todo campo de conhecimento aberto ou eclético, a sexologia não chega a ser uma área científica isolada, ou diferenciada, com “caráter e personalidade” autônomos. Isto traz vantagens e desvantagens.

Em Portugal, para alguns colegas, pode ter constituído umas das desvantagens que efetivamente reconhecemos. A Ordem dos Psicólogos, recém criada, declinou a inclusão dos psicólogos com mestrado em sexologia (ou segundo ciclo, de acordo com a linguagem do processo de Bolonha), o que obrigou alguns colegas a refazerem este ciclo de estudos.

Mas vemos vantagens na sua “falta de personalidade”, na sua “multiprofissionalidade”. O meu doutoramento em psicologia, na área da sexualidade, abriu-me muitos mais horizontes do que os meus objetivos de então vislumbravam. E, coerente com esta determinação, demos início em 2004, no ISMAI, à uma área de investigação voltada para os estudos da sexualidade ao longo do ciclo vital e das agressões sexuais, no âmbito do primeiro curso de Mestrado em Sexologia da zona norte do país (e o segundo de Portugal), em parceria com a Universidade de Salamanca.

Este número da revista Terapia Sexual reúne recortes destas investigações em curso na Unidade de Investigação UNIDEP do Instituto Superior da Maia, alguns deles em parceria com a Universidade de Salamanca.

Os primeiros estudos cruzam Saúde e Sexologia e Justiça e Sexologia. O estudo das dinâmicas sexuais relevantes para a saúde sexual dos adolescentes vai de encontro aos nossos interesses em conhecer os fatores que interferem com a exposição à infecção pelo vírus da AIDS e outras ITSS, num grupo de adolescentes. Por outro lado, desde há alguns anos têm vindo a ganhar força em Portugal algumas vozes a favor da legalização do trabalho sexual. Embora a prática não seja penalizada, as prostitutas, principalmente as de rua, estão muito expostas à violência,

discriminação e outras consequências que acompanham estes mesmos fenômenos. É nossa pretensão, na continuidade do recorte que é aqui apresentado, reunir uma amostra maior de profissionais, estendendo aos deputados da Assembleia, população previamente selecionada e com a qual não foi possível trabalhar.

Outro tema que nos tem mobilizado, e que advém do fato de comportar graves riscos para a saúde e bem estar dos envolvidos, é a violência nas relações amorosas dos adolescentes e jovens.

Este tipo de violência tem recebido a atenção da comunidade científica e, tendo em conta os estudos de prevalência, é também reconhecida como um problema social. A sua relevância social e o seu estatuto de problema de saúde pública, tem desafiado a justiça e a psicologia na procura de soluções. Neste enquadre, tem-se verificado que o tipo de relacionamento mais expressivo dos/as adolescentes, a relação amorosa ocasional, popularmente conhecida em Portugal como “curtir” e “ficar” no Brasil, também tem sido pautado por episódios de violência. Estas duas faces das vivências afetivas dos adolescentes são evidenciadas em duas investigações com amostras de adolescentes portugueses adolescentes e jovens universitários.

Mas a sexualidade é Bela, também e sobretudo! Leva-nos a encontros com as peculiaridades do ser humano e nos revela faces de ternura. Assim sendo, fechamos esta edição com os dados iniciais de um estudo sobre as escolhas femininas. Mais precisamente, sobre o critério sexual das mulheres adultas, de escolha do parceiro ou parceira para relações ocasionais ou de compromisso.

### **Marisalva Fávero**

Editora convidada

Psicóloga ( Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil).

Doutorado em Psicologia, na Universidad de Salamanca, Espanha, no programa “Sexualidad, pareja y familia”.

Docente no ISMAI (Instituto Superior da Maia), Portugal.

Investigadora na UNIDEP (Unidade de Investigação em Psicologia) do ISMAI e no CINEICC (Centro de Investigação do Núcleo de Investigação e Intervenção Cognitivo-Comportamental) da Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra, Portugal.

## As dinâmicas sexuais relevantes para a saúde sexual dos adolescentes

*Relevant sexual dynamics to adolescent sexual health*

Marisalva Fávero<sup>1</sup>

Carla Maia<sup>2</sup>

Amaia del Campo<sup>3</sup>

### Resumo

Com o objetivo de compreender as dinâmicas subjacentes aos conhecimentos, atitudes e comportamentos sexuais relevantes para a saúde sexual nos adolescentes e identificar os processos ligados à proteção e ao risco, realizamos dois grupos focais, com seis rapazes e seis raparigas de 14, 15 e 16 anos. Foram identificados fatores ligados à proteção e ao risco, sublinhando as múltiplas influências (individual, familiar, grupo de pares, escolar e comunitário) sobre os conhecimentos, atitudes e comportamentos sexuais. Estes fatores e os processos de proteção e de risco interagem entre si, reduzindo ou aumentando a probabilidade do envolvimento em comportamentos sexuais de risco.

**Palavras-chave:** Adolescentes, sexualidade, saúde, VIH, AIDS.

### Abstract

Aiming to understand the underlying dynamics of the knowledge, attitudes and behaviors relevant to sexual health among adolescents and identify the processes related to the protection and risk, we conducted two focus groups with six boys and six girls of 14, 15 and 16 years. Factors related to risk and protection, emphasizing the multiple influences (individual, family, peers, school and community) were identified on knowledge, attitudes and sexual behaviors. These factors and the processes of protection and risk interact, reducing or increasing the likelihood of engaging in risky sexual behaviors.

**Keywords:** Adolescents, Sexuality, Knowledge, health, HIV, AIDS.

### Introdução

As mudanças que temos vindo a verificar nas práticas sexuais dos adolescentes (Antunes, 2007), leva a que o comportamento sexual da população jovem seja considerado uma das principais preocupações no

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Sexóloga, Psicodramatista/Professora Universitária no Instituto Superior da Maia; Investigadora na UNIDEP/Maia e CINEICC/Coimbra/Portugal.

<sup>2</sup> Mestre em Consulta Psicológica Aconselhamento e Psicoterapia.

<sup>3</sup> Psicóloga/Docente Universitária na Universidade de Salamanca; Investigadora na UNIDEP/Maia e CINEICC/Coimbra/Portugal.

Endereço para correspondência: [mfavero@ismai.pt](mailto:mfavero@ismai.pt)

âmbito da saúde pública. Isto deve-se ao fato de este estar associado a consequências indesejáveis que poderão, direta ou indiretamente, afetar a saúde e o bem-estar dos jovens (e.g. infecção pelo HIV, ITSs e gravidez indesejada).

Neste sentido, as investigações apontam para um decréscimo da idade de início da atividade sexual, especialmente nas adolescentes, revelando o estudo "Health Behaviour in School-Aged Children" que a idade da primeira relação sexual se situou nos 14 anos para os rapazes e 14,3 anos para as raparigas (Ross, Godeau & Dias, 2004).

Dados do Centers for Disease Control and Prevention (2006), indicam que, dos estudantes entre o 9º e o 12º ano, 46,7% já iniciou a atividade sexual, 7,4% tiveram a primeira relação sexual antes dos 13 anos, e que, entre os sexualmente ativos, 68,8% dos rapazes e 57,4% das raparigas reportaram o uso do preservativo na última relação sexual, 14,4% tiveram quatro ou mais parceiros sexuais e 25,4% consumiram drogas ou álcool na última relação sexual.

Sendo assim, para o desenvolvimento e a implementação de programas de intervenção efetivos e direcionados para os jovens, torna-se essencial a investigação no âmbito dos seus conhecimentos, atitudes e comportamentos sexuais e, particularmente da infecção pelo VIH.

Durante a adolescência as relações amorosas assumem importância, uma vez que as mudanças que ocorrem na puberdade vão originar a intensificação dos impulsos sexuais, provocando um acréscimo de emoções e sensações que se concretizam psicologicamente numa necessidade de se envolver em relações íntimas expressas, muitas vezes, através de comportamentos sexuais (Zimmer-Gembeck, Siebenbruner & Collins, 2004). Estes comportamentos são essenciais para a formação da identidade sexual e oferece a possibilidade aos adolescentes de aprenderem a aceitar a nova imagem de si como elemento participante numa relação mais íntima, bem como exercitar sua competência física, psicológica e social para se envolver em relações heterossexuais mais maduras, particularmente em comportamentos sexuais (Braconnier & Marcelli, 2000).

O contato sexual constitui um dos principais recursos ou fonte de gratificação/ frustração das relações humanas, daí a importância de possibilitar ao indivíduo condições que lhe permita viver sua sexualidade sem grandes riscos (Alferes, 1997).

O conhecimento dos fatores e processos subjacentes aos comportamentos sexuais dos adolescentes é primordial para o planeamento de ações de promoção da saúde sexual e prevenção do VIH. O presente estudo tem como finalidade compreender dinâmicas subjacentes aos conhecimentos, atitudes e comportamentos sexuais relevantes para a saúde sexual nos adolescentes e identificar processos ligados à proteção e ao risco e da prevenção do VIH nos adolescentes, mais precisamente: conhecer informações, atitudes e práticas sexuais que

são relevantes para o VIH, tendo em conta as diferenças de género; descrever e interpretar os fatores ligados à proteção e ao risco (individuais, familiares, pares, escolares e comunitários) e compreender os processos que favorecem ou limitam a adoção de comportamentos sexuais saudáveis e de risco de infeção pelo VIH.

### **Método**

O presente estudo utilizou metodologia qualitativa com grupos focais.

A investigação em sexualidade tem estado, sobretudo nos países anglo-saxões, com alguma frequência, associada a questionários epidemiológicos de conhecimentos, atitudes e práticas. No entanto, tem-se verificado uma tendência para investigações qualitativas, que permitem identificar as necessidades dos jovens em relação aos diversos aspectos que estão associados aos comportamentos sexuais relevantes para a prevenção do HIV/AIDS.

#### *Grupo Focal- Participantes*

Foram realizados dois grupos focais, com 12 adolescentes, seis meninos e seis meninas, do 9º ano de escolaridade de uma escola pública, da cidade do Porto.

Os/as participantes foram selecionados/as tendo em conta a homogeneidade sociodemográfica dentro de cada grupo, e integram os grupos finais apenas aqueles/a adolescentes cujos pais assinaram o documento de consentimento. São de nacionalidade portuguesa, estatuto socioeconómico médio, quatro participantes de 14 anos, sete de 15 anos e um de 16 anos. Quanto aos comportamentos sexuais e preventivos, três já iniciaram vida sexual, a idade da primeira relação é entre os 12 e 14 anos e destes dois utilizaram preservativo.

#### *Instrumentos de Recolha de Dados*

Aplicamos um questionário individual de autopreenchimento com questões sociodemográficas (sexo, idade, nacionalidade, estatuto socioeconómico) e relacionadas com os comportamentos sexuais e preventivos (experiência sexual, idade da primeira relação sexual, atividade sexual associada ao consumo de álcool ou drogas, utilização do preservativo e outros métodos contraceptivos).

Na condução dos grupos focais utilizamos um guião semiestruturado, com o propósito de organizar a recolha de informação e dar um quadro referencial ao desenvolvimento da discussão, com os seguintes temas: sexualidade, atividade sexual, tomadas de decisão, comportamentos sexuais de risco, crenças e atitudes face ao VIH/SIDA, comportamentos preventivos e fatores familiares, interpessoais, escolares e comunitários.

### *Procedimentos*

Após a autorização pela Direção da escola, foi enviado um documento de consentimento informado aos pais dos participantes.

Na primeira sessão apresentamos os objetivos do estudo, a garantia da confidencialidade e anonimato, obtivemos o assentimento voluntário dos/as jovens, e aplicamos um questionário de autopreenchimento anônimo.

No final de cada grupo focal procedemos à transcrição das discussões, com registro das observações relevantes da dinâmica e das interações entre os participantes, de modo a auxiliar a análise dos dados.

As questões teóricas previamente definidas foram analisadas por três juízes, em conjunto com os tópicos gerais explícitos nas falas dos participantes, de forma a elaborarmos os primeiros itens para análise. Selecionamos os discursos de maior significado e analisamos as opiniões, considerando os consensos gerados nos grupos, as contribuições individuais e as diferenças de género. Para uma melhor compreensão as falas dos participantes serão referidas como GF(feminino) e GM(masculino).

### **Discussão e análise dos dados**

#### *Fatores de risco e de proteção associados aos comportamentos sexuais*

##### *Fatores individuais*

Apesar da influência do desenvolvimento biofisiológico no comportamento sexual, tem-se verificado sua inter-relação com fatores psicológicos e socioculturais (Johansson & Ritzen, 2005). A idade de início das relações sexuais tem sido motivo de preocupação, uma vez que a atividade sexual iniciada antes de se ter adquirido desenvolvimento e maturidade emocional essenciais para se lidar com os relacionamentos afetivos-sexuais aumenta a exposição aos riscos sexuais (Paradise, Cote, Minsky, Lourenco & Howland, 2001).

Os jovens deste estudo identificam as relações sexuais, por um lado como parte do desenvolvimento pessoal, psicoafetivo e das relações interpessoais, e por outro lado, conotadas com riscos emocionais, estando desenquadradas da relação emocional. As jovens apresentam uma visão mais negativa, salientando que as relações sexuais nesta idade são um erro, causam arrependimento, pois os adolescentes não estão preparados, GF: *"Eu conheço um caso que foi um erro. Ela arrependeu-se, pois não pensou bem nas consequências. As pressas é o que dá", "Eu acho que nesta altura nós ainda não temos maturidade suficiente, ainda não temos muita consciência desse ato."* Os rapazes tendem a atribuir menos significado às relações sexuais, banalizam a experiência e a desvinculam do contexto de uma relação amorosa, GM: *"Na altura até é bom, mas quando acaba já não queremos saber dela" "Para muitos o que vier à rede é peixe. É só por curtição e diversão".*

As diferenças de gêneros marcam as razões para iniciar a atividade sexual (Bender & Kosunen, 2005; Cláudio & Sousa, 2003). As jovens vinculam as relações sexuais a aspectos de ordem emocional, justificando suas experiências sexuais com intimidade emocional, compromisso e estabilidade e amor, os rapazes com prazer físico e ocasionalidade (Hoppe, et al., 2004). Deste modo, os participantes argumentam que as raparigas iniciam vida sexual com alguém por quem estejam apaixonadas, os rapazes com quem sintam atraídos sexualmente. GF: *"As raparigas querem que esse dia seja especial e romântico, querem se lembrar desse dia para sempre, os rapazes querem é fazer e pronto"*, GM: *"As raparigas têm que gostar realmente, estar apaixonada e para os rapazes não interessa se gosta dela ou não"*. Os rapazes também sofrem maior pressão pelos pares para iniciarem vida sexual (Nahom et al., 2001; Paradise et al., 2001), o que faz com que as raparigas iniciem vida sexual mais tarde, com menor frequência e menos parceiros sexuais (Centers for Disease Control and Prevention, 2006; Santelli, Lindberg, Abma, McNeely & Resnick, 2000a). Estas integram as relações sexuais no desenvolvimento pessoal, psicoafetivo e interpessoal, considerando que o fato de a primeira relação acontecer no âmbito de um relacionamento afetivo pode funcionar como um fator protetor, apontando como principais componentes a confiança e o amor. GM: *"Se eles gostam muito um do outro e confiam. Açam que está na altura certa, porque querem evoluir na relação e estão preparados para tal. Porque não, é uma coisa normal."*

Por outro lado, quem habitualmente toma a iniciativa são os rapazes. GF: *"Na maioria das vezes, é sempre o rapaz, eles têm sempre muita vontade"* GM: *"É os rapazes, muitas vezes, é para aliviar e assim ficam melhor."* Consideram também que as raparigas têm normalmente relações sexuais com "parceiros estáveis" e que os rapazes têm mais frequentemente com "parceiras ocasionais". GF: *"Eles costumam ir com várias, procuram o fácil, as raparigas costumam fazer mais com o namorado."* GM: *"As raparigas fazem na, maior parte das vezes, com o namorado. Os rapazes sempre que têm uma oportunidade vão em frente."* Assim, verificamos que os jovens consideram o duplo padrão sexual e que este tem impacto sobre os comportamentos sexuais, por exemplo, na frequência, no início das relações sexuais e no número de parceiros (Ramos, Carvalho & Leal, 2005).

As características associadas à personalidade assumem relevância na adoção de comportamentos de risco, particularmente na atividade sexual precoce e nas relações sexuais desprotegidas (Klein, Elifson & Sterk, 2003). Baixos níveis de autoestima (Connor, Poyrazli, Ferrerwreder & Grahame, 2004; Salazar et al., 2005) e déficit de competências pessoais e sociais (Dilorio et al., 2001; Murphy, Stein, Schlenger & Maibach, 2001) poderão estar relacionados com os comportamentos sexuais de risco, GF: *"Devemos gostar acima de tudo de nós, ter autoestima, para fazermos quando tivermos vontade e tomar precauções"*

*"Existem aquelas que não gostam muito de si" "A pessoa só deve fazer porque quer, tem de ter opinião própria, haverá sempre pressão por parte deles, mas tem que saber dizer não". Têm a noção de que não conseguir impor-se e não pensar nas consequências podem funcionar como fator de risco. GF:"A maioria das vezes podem fazer sem pensar nas consequências e nem usam o preservativo, para se prevenirem." GM:"Alguns vão pelo que os outros dizem e podem sofrer com isso, apenas fazem porque os outros já fizeram, não pensam por si."*

A influência das atitudes na atividade sexual e na adoção de comportamentos sexuais saudáveis tem merecido interesse científico. Jovens mais permissivos reportam maior probabilidade de iniciar as relações sexuais, enquanto os que possuem atitudes negativas face ao uso do preservativo e percepção de vulnerabilidade à infeção pelo VIH (Hoppe et al., 2004; Johnson, McCaul & Klein, 2002), adia a utilização do preservativo (Parsons, Halkitis, Bimbi & Borkowski, 2000). Por outro lado, os jovens apresentam maior preocupação com o risco de gravidez do que com o de infeção pelo VIH, justificando assim a utilização do preservativo mais como uma medida preventiva da gravidez do que do VIH (Johnson et al., 2002), sendo esta preocupação mais significativa para as raparigas, GM:"*Elas é que estão sempre preocupadas se ficam grávidas, é claro que são elas que ficam mais afetadas*", GF:"*As raparigas têm que ter mais cuidado, porque como é lógico somos nós que engravidamos e nestas idades é muito mau*", que se verifica também quando questionados sobre o que fariam se ocorre um encontro sexual desprotegido, GF:"*Hoje já existe a pílula do dia seguinte, para aquelas que não usarem preservativo, depois tomam para não engravidar.*"

No que concerne à vulnerabilidade ao VIH, não se consideram em risco, e apoiam-se em estratégias de racionalização, por exemplo, confiar e conhecer o parceiro, ou centram-se em determinados comportamentos sexuais e a grupos de risco (toxicodependentes e prostitutas). GF:"*A pessoa antes de ter relações começa a namorar e cria uma relação de confiança... E conhece-o bem, por isso na boa.*" GM:"*Só aqueles que vão aonde não devem ... Às prostitutas e os drogados trocam seringas e os tarados que só pensam em sexo...*"

As jovens afirmam que as pessoas estão cada vez mais informadas sobre sexualidade e riscos sexuais e reagem de acordo com seus conhecimentos, considerando-se informadas e sem dúvidas sobre o tema. GF:"*Eu acho que estou perfeitamente informada e penso que as outras pessoas também, pois agora há muita informação*". Os rapazes pensam diferente e assumem que também têm dúvidas. GM:"*As pessoas até podem estar informadas para o essencial, mas todos nós temos dúvidas, por isso, é importante esclarecer melhor os jovens.*"

O que sobressai do que pensam sobre o VIH ou o que mais os preocupa acerca desta problemática, é "doença que não tem cura", "morte" e "sofrimento". O medo da discriminação é a maior preocupação.

GF: *"Esta doença leva à morte, envolve muito sofrimento. Não tem cura."*  
GM: *"Eu tenho medo é da discriminação dos outros. E leva à morte, pois é para sempre, não passa".* Os resultados revelam que, apesar de a maioria das atitudes face às pessoas infetadas serem positivas e tolerantes, entre os rapazes sobressaem atitudes discriminatórias, receio ou constrangimento. GF: *"Eu não tenho problemas nenhuns em lidar com uma pessoa com essa doença, não a devemos tratar de forma diferente."*  
GM: *"É assim eu não me importo de estar à beira de uma pessoa com essa doença, mas há sempre algum receio, apoiava-o mas não ia andar sempre à beira dela."*

A estratégia preventiva protetora para reduzir o risco de infeção pelo VIH mais referida é a utilização do preservativo. GF: *"Devemos usar preservativo, pois protege-nos contra essa infeção."* GM: *"Corremos sempre risco, por isso o melhor é usar preservativo."* No entanto, apresentam mais atitudes negativas do que positivas, suportadas por argumentos de pouca efetividade do preservativo, desconforto, incómodo. GF: *"Muitas dizem que é desconfortável e atrapalha um pouco."* GM: *"O preservativo pode rebentar, não é muito de fiar... Outros dizem que é incomodativo".* E apesar de considerarem sua utilização necessária, reconhecem que é mais fácil analisar a situação com distância. GF: *"Agora digo que é impensável fazer sem usar preservativo, mas na altura nós vamos fazer sem... Não sei ... Falar é fácil"* GM: *"As pessoas dizem muito que são prevenidas e depois na altura quando não há, fazem assim mesmo e contrariam-se".*

### *Fatores familiares*

A qualidade da relação entre pais e filhos assume papel importante na adoção de comportamentos protetores e de risco para a saúde sexual dos adolescentes (Lenciauskiere & Zaborskis, 2008; Liu et al., 2006; Magnani et al., 2005; Mendle et al., 2009; Meschke, Bartholomae & Zentall, 2002; Rose et al., 2005; Santelli, Lowry, Brener & Robin, 2000b). As relações conflituosas entre pais e filhos estão relacionados com elevada probabilidade de os jovens se envolverem em comportamentos sexuais de risco (Crosnoe, Erickson & Dornbusch, 2002), GF: *"Quando o ambiente é complicado, há conflitos, os filhos assim não se sentem bem e a relação é má entre pais e filhos"*, GM: *"Se não tivermos um bom relacionamento com os pais, não falamos muito destas coisas".* Por outro lado, o apoio da família está relacionado com fatores protetores (Markham et al., 2010; Parera & Suris, 2004), GF: *"É importante haver confiança entre os pais e os filhos, para estarem à-vontade para falar sobre a sexualidade ... E para assim poder pedir conselhos e nos apoiarem nessas situações."* GM: *"É bom quando falamos com os pais sobre isso, ajuda-nos."* Alguns adolescentes recorrem a outros familiares, como irmãos mais velhos, tios, para esclarecer dúvidas ou obter suporte emocional. GF: *"Também falo muito com a minha irmã mais velha e a*

*minha tia, elas tiram-se dúvidas e isso também me ajuda*". A percepção da relação positiva com os pais está associada a menor probabilidade de início precoce da atividade sexual e a maior probabilidade de utilizar contraceptivos nas relações sexuais (Dittus & Jaccard, 2000). Jovens com percepção de um menor controle parental utilizam menos o preservativo, têm mais parceiros sexuais e maior prevalência de ITS (Buhi & Goodson, 2007; DiClemente et al. 2001; French & Dishion, 2003), pois ficam mais expostos às influências dos amigos, GF: "*Como os pais não falam com elas para lhes aconselhar acabam por ser influenciadas pelas amigas ou namorados. Não se preocupam, nem perguntam se estão bem ou mal, se faltam às aulas*". Os que percebem uma supervisão parental adequada, tendem a desenvolver comportamentos sexuais mais saudáveis (Kington & Sullivan, 2001; Mandara, Murray & Bangi, 2003).

No que respeita aos valores parentais que desaprovam as relações sexuais na adolescência, os estudos sugerem que estes podem contribuir para um início mais tardio da atividade sexual, menor número de parceiros sexuais, uso mais consistente do preservativo e menor ocorrência de gravidez na adolescência (Kirby, 2001; Meschke et al., 2002).

#### *Fatores interpessoais (Relacionados com os Pares)*

Na adolescência, os pares passam a funcionar como modelos de comportamento e importantes agentes de persuasão ou pressão no sentido da aceitação das normas quer implícitas ou explícitas do grupo, desempenhando papel importante nos conhecimentos, expectativas, atitudes e comportamentos sexuais (Ardelt & Day, 2002; Ben-zur, 2003; Steinberg & Morris, 2001) e influenciando atitudes e comportamentos dos colegas (Ardelt & Day, 2002; Buhi & Goodson, 2007; Rosenthal et al., 2001; Santelli et al., 2004). A percepção do início da atividade sexual, do número de parceiros, da idade da primeira relação e do uso ou não do preservativo nos pares tem impacto nos comportamentos sexuais dos adolescentes (Kirby, 2001; Prinstein, Meade & Cohen, 2003) e a necessidade de aceitação por parte dos amigos leva alguns adolescentes a iniciar precocemente relações afetivo-sexuais (Collins, 2003). Nos grupos em análise, o fato de grande parte do grupo ainda não ter iniciado vida sexual é apontada como um aspecto que inibe a pressão dos pares, GF: "*No meu grupo ainda não há muitos que já tiveram*", GM: "*A maioria ainda não teve*". Um grupo onde o início da atividade sexual é mais tardio ou predominam relações sexuais protegidas, pode funcionar como fator de proteção de riscos sexuais (Perkins, Luster, Villarruel & Small, 1998). Os jovens analisados têm noção de que a pressão dos pares para a atividade sexual é um fator de risco, e salientam que são os rapazes os mais vulneráveis a esta pressão, GF: "*Eles podem lhe chamar maricas e, às vezes, acabam por fazer pressionados*" GM: "*Podem dizer para ele fazer, começam a chateá-lo e ele faz*". No que se refere às mulheres, são

percebidas como mais apoiadas e compreendidas pelos pares, GF: "*As amigas ajudam-se umas às outras, não se prejudicam...*", sendo que a pressão provém quase sempre dos parceiros, GF: "*Às vezes, o namorado pressiona para ter relações, não acho isso bem*", GM: "*O rapaz pressiona a rapariga para fazer e algumas acabam por lhe fazer a vontade e no nosso caso são mais os amigos.*"

Se esta socialização é feita com pares desviantes, estes podem reforçar atitudes e crenças favoráveis aos comportamentos de risco, oferecer oportunidades de envolvimento em práticas sexuais de risco, funcionar como modelos mais permissivos ao desvio e pressionar ou influenciar a adoção desses comportamentos (Garriguet, 2005; McKay, 2003; Perkins et al., 1998). Os rapazes em análise consideram que alguns amigos podem influenciar decisões erradas, GM: "*Há aqueles que são más companhias e nos vão influenciar para coisas negativas, como por exemplo para fazermos sem proteção*", pois os rapazes são mais influenciados pelos pares e mais suscetíveis ao efeito negativo dos amigos e de se envolverem num maior número de comportamentos de risco de terem grupos de pares desviantes (Meschke et al., 2002).

Neste âmbito, o consumo de álcool ou drogas tem sido relacionado com a atividade sexual precoce e/ou com relações sexuais desprotegidas, sendo o contexto para a ocorrência de tais consumos o grupo de pares (Santelli et al., 2004; Zimmer-Gembeck et al., 2004), GF: "*Quando estão com a bebedeira não sabem o que fazem e depois não tomam precauções*", GM: "*O álcool e a droga fazem os jovens cometerem loucuras, e fazem o que não devem ...*", ou outros contextos de grupo, como as festas, discotecas, saídas à noite, entre outros, GF: "*Muitos rapazes conhecem uma miúda nas festas ou discotecas e acabam por ter relações sexuais à pressa, é mesmo só por fazer.*" GM: "*Às vezes, perguntam uns aos outros quando saem à noite quem é a próxima que se segue hoje.*"

### Fatores Escolares

Os fatores escolares podem determinar o início da atividade sexual (Bonell et al., 2005; Martin et al., 2005; Paul, Fitzjohn, Herbison & Dickson, 2000), na medida que os jovens que frequentam a escola, apresentam bom desempenho académico, percebem o ambiente escolar como positivo e possuem elevadas expectativas académicas futuras tendem a iniciar a atividade sexual mais tarde e a ter comportamentos sexuais seguros (Crosnoe et al., 2002). A frequência da escola é, pois, entendida como um fator protetor para os comportamentos sexuais de risco, GF: "*Quem anda na escola sabe mais destas coisas, porque temos mais informação e isso ajuda.*" GM: "*Na escola sentimo-nos apoiados, temos informações e é bom para nós.*" A escola evidencia seu aspecto protetor de riscos sexuais pois veicula informação correta e adequada aos grupos-alvo, contribuindo para ganhos na saúde sexual dos

jovens e no combate à AIDS (Dias, Matos & Gonçalves, 2005). Sobre este aspecto, os jovens assinalaram com pesar a falta de educação sexual formal na sua escola, GF: *"Até agora não tivemos, mas era bom para nós, eu gostava, pois iria ajudar em muitas coisas."* GM: *"Acho muito mal não haver, podíamos assim esclarecer mais as nossas dúvidas."*

Por outro lado, o insucesso escolar, a falta de aspirações académicas e o abandono escolar podem aumentar à exposição a determinados riscos (Talashek, Norr & Dancy, 2003), GF: *"Quem não estuda, não tem boas notas, não pensa no seu futuro e anda por aí a fazer asneiras, prejudica e muito."* GM: *"Os jovens que deixam a escola correm mais riscos, ficam mais sozinhos."*

#### *Fatores Comunitários*

A sexualidade e os comportamentos sexuais dos jovens em particular, estão submersos num contexto de normas e especificidades socioculturais que influenciam e determinam a adoção das práticas sexuais, bem como a vulnerabilidade ao VIH (DiClemente, Salazar, Crosby & Rosenthal, 2005; Ross & Fernandez-Esquer, 2005). Fatores como estatuto sociocultural, escolaridade, locais de residência, são indicadores da qualidade do ambiente social do jovem, evidenciando um enorme impacto no seu comportamento sexual (Guilamo-Ramos, Jaccard, Pena & Goldberg, 2005; Martin et al., 2005). Apesar da falta de experiência concreta, os jovens mantêm a crença de que viver em bairros socialmente desfavorecidos contribui para a adoção de comportamentos de risco. GF: *"As pessoas que vivem em bairros degradados, onde não tomam muitas precauções, onde há muita violência e álcool, leva a que os jovens tenham esse tipo de comportamentos."* GM: *"Os jovens que vivem em bairros sem condições costumam ter comportamentos arriscados"*, e estar inserido em contextos de nível sócio-económico elevado pode ser um fator protetor, GF: *"Os jovens que vivem bem, de boas famílias ... Que habitam em casas com boas condições, eu acho que correm menos riscos"*. As desigualdades económicas e a pobreza constituem ameaças para a saúde dos indivíduos, por isso, os locais com desvantagens socioeconómicas, com predomínio de baixos níveis de escolaridade, taxas elevadas de desemprego, criminalidade e consumo de álcool e drogas estão associados ao início precoce da atividade sexual, às relações desprotegidas e à gravidez na adolescência (Santelli et al., 2000b). Estas características ambientais proporcionam normas menos claras sobre o início da atividade sexual e à necessidade de utilização do preservativo e de outros métodos contraceptivos (Gonçalves, Dias, Luck, Fernandes & Cabral, 2003; Kirby, 2001).

Outro dos meios que interfere com a aprendizagem informal da sexualidade é a exposição direta à informação veiculada pelos *medias*, fontes importantes de transmissão de informações sobre a sexualidade que, com a Internet, influenciam os conhecimentos, atitudes e comportamentos sexuais dos adolescentes (Agha, 2003; Collins et al.,

2004; Kirby et al., 1999; Ward, 2003; Werner-Wilson, Fitzharris & Morrissey, 2004). Destacam os *meias* como meios informativos sobre sexualidade e VIH, GF: "A televisão tem programas que nos ajudam a ficar mais informados, quer sobre a sexualidade, quer sobre as doenças e os riscos que podemos correr." GM: "Os programas de televisão e a Internet servem para irmos nos informar sobre a AIDS e outras coisas relacionadas com a sexualidade." , sem desconsiderar que os mesmos podem incentivar a atividade sexual. GF: "Algumas séries como os morangos com açúcar, pode levar os jovens a iniciar, alicia um bocado..." GM: "Às vezes, a televisão e a Internet dão bastante informações, e algumas podem ser prejudiciais. Há coisas que deviam ter mais cuidado e não transmitir tanto."

### **Considerações finais**

A proteção e o risco se situam em diversos contextos e, apesar de o comportamento individual ser determinante da vulnerabilidade a situações de risco, as decisões não são tomadas na base de uma decisão individual, mas envolvem um complexo contexto ambiental. Os fatores e processos de proteção e de risco interagem entre si, reduzindo ou aumentando a probabilidade de os adolescentes se envolverem em comportamentos sexuais de risco. Os efeitos dos fatores de risco não são iguais para todos os jovens; variam consoante os recursos individuais e o contexto ambiental.

Com efeito, e para garantir mudanças comportamentais efetivas e sustentadas, é necessário a promoção dos recursos individuais (competências cognitivas, emocionais e sociais), a ativação dos recursos de apoio dos contextos ambientais (família, pares, escola e comunidade), dado que constituem uma das principais influências na vida dos jovens.

As diferenças de sexo no que toca aos conhecimentos, atitudes e comportamentos sexuais relevantes à prevenção do VIH fazem pressupor que os/as adolescentes experimentam diferentes processos em relação às questões sexuais.

Os dados apontam também no sentido de que os comportamentos de risco tendem a ocorrer de forma agrupada, predizendo estilos de vida que representam diferentes graus de risco. Estas evidências suportam o argumento de que as estratégias preventivas devem ser abrangentes, com múltiplos componentes e incorporando uma visão holística do adolescente. A promoção da saúde deve então promover a autonomia dos jovens, a capacidade para tomarem decisões e desenvolverem competências para lidar com diferentes situações que possam, potencialmente, colocá-los em risco.

O presente estudo também sugere a necessidade de não limitar a intervenção à atividade sexual propriamente dita, mas integrar a expressão da sexualidade na promoção de um desenvolvimento afetivo pessoal e interpessoal saudável.

O reconhecimento e a compreensão das complexidades em que a sexualidade se desenvolve devem ser integrados nos esforços para construir programas de promoção da saúde e modelos de prevenção do VIH mais efetivos.

Muitas questões continuam ainda em aberto, o que nos leva a equacionar alguns aspectos a serem desenvolvidos em trabalhos futuros. Consideramos oportuno, por exemplo, a realização de um estudo longitudinal neste domínio, no sentido de permitir uma maior compreensão das tendências evolutivas em relação aos conhecimentos, atitudes e comportamentos sexuais dos adolescentes.

### Referências Bibliográficas

- Agha, S. (2003). The impact of a mass media campaign on personal risk perception, perceived self-efficacy and on other behavioural predictors. **AIDS Care**, 15(6),749-762.
- Alferes, V. (1997). **Encenações e Comportamentos Sexuais: Para uma Psicologia Social da Sexualidade**. Porto: Afrontamento.
- Antunes, M. (2007). **Atitudes e Comportamentos Sexuais de Estudantes do Ensino Superior**. Coimbra: Formasau-Formação e Saúde, Lda.
- Ardelt, M. & Day, L. (2002). Parents, sibling and peers: close social relationships and adolescent deviance. **Journal of Early Adolescence**, 22(3), 310-349. doi: 10.1177/02731602022003004
- Bender, S. & Kosunen, E. (2005). Teenage contraceptive use in Iceland: a gender perspective. **Public Health Nursing**, 22(1), 17-26. doi: 10.1111/j.0737-1209.2005.22104.x
- Ben-Zur, H. (2003). Peer risk behavior and denial of HIV/AIDS among adolescents. **Sex Education**, 3(1), 75-85. doi: 10.1080/1468181032000052171a
- Bonell, C., Allen, E., Strange, V., Copas, A., Oakley, A., Stephenson, J. & Johnson, A. (2005). The effect of dislike of school on risk of teenage pregnancy: testing of hypotheses using longitudinal data from a randomised trial of sex education. **Journal of Epidemiology & Community Health**, 59(3), 223-230. doi: 10.1136/jech.2004.023374.2005-01769-00310.1136/jech.2004.023374
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). **As mil faces da adolescência**. Lisboa: Climepsi.
- Buhi, E. & Goodson, P. (2007). Predictors of adolescent sexual behavior and intention. A theory-guided systematic review. **Journal of Adolescent Health**, 40, 4-21. doi:10.1016/j.jadohealth.2006.09.027
- Centers for Disease Control and Prevention (2006). Youth Risk Behavior Surveillance. **Surveillance Summaries**, 55, SS-5.

- Cláudio, V. & Sousa, P. (2003). As implicações do género nas crenças e atitudes perante o VIH/SIDA. **Análise Psicológica**, 2(11), 159-174.
- Collins, R., Elliott, M., Berry, S., Kanouse, D., Kunkel, D., Hunter, S. & Miu, A. (2004). Watching sex on television predicts adolescent initiation of sexual behavior. **Pediatrics**, 114(3), 280-289. doi: 10.1542/peds.2003-1065-L
- Collins, W. (2003). More than a myth: The developmental significance of romantic relationships during adolescence. **Journal of Research on Adolescence**, 13(1), 1-24.
- Connor, J., Poyrazli, S., Ferrer-Wreder, L. & Grahame, K. (2004). The relation of age, gender, ethnicity, and risk behaviors to self-esteem among students in nonmainstream schools. **Adolescence**, 39(155), 457-473.
- Crawford, M. & Popp, D. (2003). Sexual double standards: a review and methodological critique of two decades of research. **Journal of Sex Research**, 40(1), 13-26.
- Crosnoe, R., Erickson, K. & Dornbusch, S. (2002). Protective functions of family relationships and school factors on the deviant behaviour of adolescent boys and girls: reducing the impact of risky friendships. **Youth & Society**, 33(4), 515-544. doi: 10.1177/0044118X02033004002
- Dias, S., Matos, M. & Gonçalves, A. (2005). Preventing HIV transmission in adolescents: an analysis of the Portuguese data from the Health Behaviour School-Aged Children Study and focus groups. **European Journal of Public Health**, 15(3), 300-304. doi:10.1093/eurpub/cki085
- DiClemente, R., Wingood, G., Crosby, R., Sionean, C., Cobb, B., Harrington, K., Davies, S., Hook, E.W & Oh. M. K. (2001). Parental monitoring: Association with adolescents risks behaviors. **Pediatrics**, 107(6), 1369-1374. doi:10.1542/peds.107.6.1363
- DiClemente, R., Salazar, L., Crosby, R. & Rosenthal, S. (2005). Prevention and control of sexually transmitted infections among adolescents: the importance of a socio-ecological perspective – a commentary. **Public Health**, 119(9), 825-836. doi: 10.1016/j.puhe.2004.10.015
- Dilorio, C., Dudley, W., Kelly, M., Soet, J., Mbwar, J. & Potter, J. (2001). Social cognitive correlates of sexual experience and condom use among 13-through 15-years-old adolescents. **Journal of Adolescent Health**, 29(3), 208-216.
- Dittus, P. & Jaccard, J. (2000). Adolescents` perceptions of maternal disapproval of sex: relationship to sexual outcomes. **Journal of Adolescent Health**, 26(4), 268-278. doi:10.1016/S1054-139X(99)00096-8

- French, D. & Dishion, T. (2003). Predictors of early initiation of sexual intercourse among high-risk adolescents. **Journal of Early Adolescent**, 23(3), 295-315. doi:10.1177/0272431603254171
- Garriguet, D. (2005). Early sexual intercourse. **Health Reports**, 16(3), 9-18.
- Gonçalves, A., Dias, S., Luck, M., Fernandes, J. & Cabral, J. (2003). Acesso aos cuidados de saúde de comunidades migrantes. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, 21(1), 55-64.
- Guilamo-Ramos, V., Jaccard, J., Pena, J. & Goldberg, V. (2005). Acculturation-related variables, sexual initiation, and subsequent sexual behavior among Puerto Rican, Mexican, and Cuban youth. **Journal of Health Psychology**, 24 (1), 88-95. doi:10.1037/0278-6133.24.1.88
- Hoppe, M., Graham, L., Wilsdon, A., Wells, E., Nahom, D. & Morrison, D. (2004). Teens speak out about HIV/AIDS: Focus group discussions about risk and decision-making. **Journal of Adolescent Health**, 35(4), 345-346. doi:10.1016/j.jadohealth.2003.12.002
- Johansson, T. & Ritzen E. M. (2005). Very long-term follow-up of girls with early and late menarche. **Endocrine Development**, 8, 126-136.
- Johnson, R. J., McCaul, K. D. & Klein, W. M. (2002). Risk involvement and risk perception among adolescents and young adults. **Journal of Behavioral Medicine**, 25(1), 67-82. doi:10.1023/A:1013541802282
- Kington, Y. & Sullivan, A. (2001). The family as a protective asset in adolescent development. **Journal of Holistic Nursing**, 19(2), 102-121. doi:10.1177/089801010101900202
- Kirby, D. (2001). Understanding what works and what doesn't in reducing adolescent sexual risk-taking. **Family Planning Perspectives**, 33(6), 276-281. doi:10.2307/3030195
- Kirby, D., Brener, N., Brown, N., Peterfreund, N., Hillard, P. & Harist, R. (1999). The impact of condom availability (correction of distribution) in Seattle schools on sexual behavior and condom use. **American Journal of Public Health**, 89(2), 182-187. doi:10.2105/AJPH.89.2.182
- Klein, H., Elifson, K. & Sterk, C. (2003). "At risk" women who think that they have no change of getting HIV: self-assessed perceived risks. **Women Health**, 38(2), 47-63. doi:10.1300/J013v38n02\_04
- Lenciauskiere, I. & Zaborskis, A. (2008). The effects of family structure, parent-child relationship and parental behaviour among adolescents in nine european countries. **Journal of Public Health**, 36(6), 607-618.
- Liu, A., Kilmarx, P., Jenkins, R., Manopaiboon, C., Mock, P., Jeeyapunt, S. Uthavivoravit, W., & van Griensven, F. (2006). Sexual initiation , substance use, and sexual behavior and knowledge among

- vocational students in Northern Thailand. **International Family Planning Perspectives**, 32(3), 126-135. doi:10.1363/3212606
- Magnani, R., Macintyre, K., Karim, A., Brown, L., Hutchinson, P., Kaufman, C., Rutenburg, N., Hallman, K., May, J. & Dallimore, A. (2005). The impact of life skills education on adolescent sexual risk behaviors in KwaZulu-Natal, South Africa. **Journal of Adolescent Health**, 36(4), 289-304. doi:10.1016/j.jadohealth.2004.02.025
- Mandara, J., Murray, C. & Bangi, A. (2003). Predictors of African American adolescent sexual activity: an ecological framework. **Journal of Black Psychology**, 29(3), 337-356. doi:10.1177/0095798403254214
- Markham, C., Lormand, D., Gloppen, K., Peskin, M., Flores, B., Low, B. & House, L. (2010). Connectedness as a predictor of sexual and reproductive health outcomes for youth. **Journal of Adolescent Health**, 46, 23-41. doi:10.1016/j.jadohealth.2009.11.214
- Martin, A., Ruchkin, V., Caminis, A., Vermeiren, R., Henrich, C. & Schwabstone, M. (2005). Early to bed: a study of adaptation among sexually active urban adolescent girls younger than age sixteen. **Journal of American Academy of Child Psychology**, 44(4), 358-367. doi:10.1097/01.chi.0000153226.26850.fd
- McKay, S. (2003). Adolescent risk behaviours and communication research: current directions. **Journal of Language and Social Psychology**, 22(1), 73-82. doi:10.1177/0261927X02250058
- Mendle, J., Harden, P., Thurkheimer, E., Van Hulle, C., D'Onofrio, B., Brooks-Gunn, J., Rodgers, J., Emery, R. & Lahey, B. (2009). Associations between father absence and age of first sexual intercourse. **Child Development**, 80(5), 1463-1480.
- Meschke, L. L., Bartholomae, S. & Zentall, S. R. (2002). Adolescent sexuality and parent-adolescent processes: Promoting healthy teen choices. **Journal of Adolescent Health**, 31(6), 264-279. doi:10.1016/S1054-139X(02)00499-8
- Morgan, D. (1997). **Focus Groups as Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage.
- Murphy, D., Stein, J., Schlenger, W. & Maibach, E. (2001). Conceptualizing the multidimensional nature of self-efficacy: assessment of situational context and level of behavioral challenge to maintain safer sex. **Health Psychology**, 20(4), 281-290.
- Nahom, D., Wells, E., Gillmore, M. R., Hoppe, M., Morrison, D. M., Archibald, M., Murowchick, E., Wilsdon, A. & Graham, L. (2001). Differences by gender and sexual experience in adolescent sexual behavior: Implications for education and HIV prevention. **Journal of School Health**, 71(4), 153-158. doi:10.1111/j.1746-1561.2001.tb01314.x

- Paradise, J. E., Cote, J., Minsky, S., Lourenco, A. & Howland, J. (2001). Personal values and sexual decision-making among virginal and sexually experienced urban adolescent girls. **Journal of Adolescent Health**, 28(5), 404-409. doi:10.1016/S1054-139X(01)00199-9
- Parera, N. & Suris, J. C. (2004). Having a good relationship with their mother: a protective Factor against sexual risk behavior among adolescent females? **Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology**, 17(4), 267-271. doi:10.1016/j.jpag.2004.05.002
- Parsons, J., Halkitis, P. N., Bimbi, D. & Borkowski, T. (2000). Perceptions of the benefits and costs associated with condom use and unprotected sex among late adolescent college students. **Journal of Adolescence**, 23 (4), 377-391. doi:10.1006/jado.2000.0326
- Paul, C., Fitzjohn, J., Herbison, P. & Dickson, N. (2000). The determinants of sexual intercourse before age 16. **Journal of Adolescent Health**, 27(2), 136-147.
- Perkins, D. F., Luster, T., Villarruel, F. A. & Small, S. (1998). An ecological, risk-factor examination of adolescents' sexual activity in three ethnic groups. **Journal of Marriage & Family**, 60(3), 660-673. doi:10.2307/353536
- Prinstein, M., Meade, C & Cohen, G. (2003). Adolescent oral sex, peer popularity, and perceptions of best friends' sexual behavior. **Journal of Pediatric Psychology**, 28(4), 243-249.
- Ramos, V., Carvalho, C. & Leal, I. (2005). Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: a hipótese do duplo padrão sexual. **Análise Psicológica**, 2(23), 173-185.
- Rose, A., Koo, H., Bhaskar, B., Anderson, K., White, G. & Jenkins, R. (2005). The influence of primary caregivers on the sexual behavior of early adolescents. **Journal of Adolescent Health**, 37(2), 135-144. doi:10.1016/j.jadohealth.2005.02.009
- Rosenthal, S., Von Ranson, K., Cotton, S., Biro, F., Mills, L. & Succop, P. (2001). Sexual initiation: predictors and developmental trends. **Sexually Transmitted Diseases**, 28(9), 527-532.
- Ross, J., Godeau, E. & Dias, S. (2004). Sexual health. In C. Candace, R. Chris, M. Antony, S.
- Rebecca, S. Wolfgang, S. Oddrun & B. Vivian (Eds.). **Young People's Health in Context. Health Behaviour in School-Aged Children (HBSC). Study: International Report from the 2001/2002 Survey** (vol.4, pp. 153-160). Copenhagen: Who Europe.
- Ross, M. & Fernandez-Esquer, M. (2005). Ethnicity in sexually transmitted infections and sexual behavior research. **The Lancet**, 365(9466), 1209-1210.
- Salazar, L., Crosby, R., DiClemente, R., Wingood, G., Lescano, C., Brown, L. & Davies, S. (2005). Self-esteem and theoretical mediators of safer sex among African American female adolescents. **Health**

- Education Behavior**, 32(3), 413-427. doi: 10.1177/1090198104272335
- Santelli, J., Kaiser, J., Hirsch, L., Radosh, A., Simkin, L. & Middlestadt, S. (2004). Initiation of sexual intercourse among middle school adolescents: the influence of psychosocial factors. **Journal of Adolescent Health**, 34(3), 200-208. doi: 10.1016/j.jadohealth.2003.06.004
- Santelli, J., Lindberg, L. D., Abma, J., McNeely, C. S. & Resnick, M. (2000a). Adolescent sexual behavior: Estimates and trends from four nationally representative surveys. **Family Planning Perspectives**, 32(4), 156-165. doi: 10.2307/2648232
- Santelli, J., Lowry, R., Brener, N. D. & Robin, L. (2000b). The Association of Sexual Behaviors with socioeconomic status, family structure, and race/ethnicity among US adolescents. **American Journal of Public Health**, 90(10), 1582-1588.
- Steinberg, L. (2005). Cognitive and affective development in adolescence. **Trends in Cognitive Sciences**, 9(2), 69-74. doi:10.1016/j.tics.2004.12.005
- Steinberg, L. & Morris, A. (2001). Adolescent development. **Annual Review of Psychology**, 52, 83-110. doi:10.1146/annurev.psych.52.1.83
- Talashak, M., Norr, K & Dancy, B. (2003). Building teen power for sexual health. **Journal of Transcultural Nursing**, 14(3), 207-216. doi:10.1177/1043659603014003007
- Ward, L. (2003). Understanding the role of entertainment media in the sexual socialization of American youth: A review of empirical research. **Developmental Review**, 23(3), 347-388.
- Werner-Wilson, R. J., Fitzharris, J. L. & Morrissey, K. M. (2004). Adolescent and parent perceptions of media influence on adolescent sexuality. **Adolescence**, 39(154), 303-313.
- Zimmer-Gembeck, M., Siebenbruner, J. & Collins, W. (2004) A prospective study of intraindividual and peer influences on adolescents' romantic and sexual behavior. **Archives of Sex Behavior**, 33, 381-394. doi:10.1023/B:ASEB.0000028891.16654.2c



## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA PROSTITUIÇÃO E O SEU ENQUADRAMENTO JURÍDICO-LEGAL

*Social representations of prostitution and its legal framework*

Eliana Oliveira<sup>4</sup>  
Marisalva Fávero<sup>5</sup>  
Amaia Del Campo<sup>6</sup>  
Fátima Ferreira<sup>7</sup>

### Resumo

O objetivo do presente estudo é o de conhecer as opiniões e conhecimentos sobre a prostituição heterossexual feminina de rua por parte dos agentes de autoridade, advogados e juristas, bem como se estas se encontram refletidas no enquadramento Jurídico-Legal português referente a este fenómeno.

Aplicamos um questionário de auto-resposta, elaborado para este estudo, a uma amostra de 22 profissionais do sistema da justiça.

Os resultados deste estudo indicam que os profissionais atribuem o fenómeno da prostituição a fatores externos, que condicionam a mulher que se prostitui, demonstrando compreensão para com a sua identidade pessoal, sendo maioritariamente a favor da alteração do enquadramento jurídico-legal para a legalização do trabalho sexual.

**Palavras-chave:** Prostituição, enquadramento Jurídico-Legal, Opiniões.

### Abstract

The aim of this study is to know the opinions and knowledge about heterosexual female street prostitution by the authority agents, lawyers and jurists, and if these are reflected in the portuguese legal framework concerning this phenomenon.

We apply a self-response questionnaire, prepared for this study, to a sample of 22 professionals at the justice system.

The results indicate that professionals attribute the phenomenon of prostitution to external factors that influence the prostitutes decision-making processes, showing understanding for their personal identity, being mostly in favor of changing the legal framework-law for the legalization of sex work.

---

<sup>4</sup>Psicóloga/Mestre em Psicologia da Justiça

<sup>5</sup>Psicóloga, Sexóloga, Psicodramatista/Professora Universitária no Instituto Superior da Maia; Investigadora na UNIDEP/Maia e CINEICC/Coimbra/Portugal

<sup>6</sup>Psicóloga/Docente Universitária na Universidade de Salamanca; Investigadora na UNIDEP/Maia e CINEICC/Coimbra/Portugal

<sup>7</sup>Psicóloga/Doutoranda em Psicologia da Justiça na Universidade do Minho; Investigadora na UNIDEP/Maia e CINEICC/Coimbra/Portugal

**Keywords:** Prostitution; Legal Framework, Opinions

## **Introdução<sup>8</sup>**

Poder-se-á enunciar o olhar discriminatório da sociedade que não permite ver a mulher por detrás da prostituta, que vende um corpo que não deveria ter preço; que vende sexo que deveria ser privado; que vende prazer que não deveria existir. Esta estigmatização, fruto de uma análise superficial, recrimina com a mesma veemência que ignora. Perante o cenário social e legislativo respeitante à prostituição, as prostitutas vivem uma existência negligenciada, estereotipada, vitimizada e sujeita a várias situações de risco.

A última deliberação legislativa, referente à prostituição, promulgou a despenalização da mesma. Assim, a prostituição não constitui um crime passível de pena de prisão mas tão pouco se estabelece como uma atividade reconhecida, logo, legalizada.

Compreende-se que as representações sociais da população influenciem o sistema legislativo. Do mesmo modo, o enquadramento jurídico – legal pode funcionar como fator intensificador da representação social referente à prostituição.

A prostituta de rua assume o papel primordial neste trabalho de investigação. A escolha relacionou-se com as características inerentes à prostituição de rua e procura as opiniões e conhecimentos de um grupo específico, sobre a prostituição. Com isto, pretende-se assumir a existência e a improvável erradicação da prostituição, procedendo a uma reflexão crítica sobre as representações sociais da prostituição articuladas com a falta de legislação específica.

Atualmente, a comunidade científica procura a substituição do termo “prostituição” pelo termo “trabalho sexual”. O trabalho sexual remete-nos para um estatuto de trabalhador, regulamentado e protegido nos seus direitos e deveres por uma entidade competente, o que não corresponde à legislação portuguesa no que concerne à prostituição. Opta-se, assim, pelos termos “prostituição” e “prostituta” por se considerar que não se deve tentar camuflar a conotação destes conceitos atribuindo-lhes uma nova denominação (Niemi, 2010).

A mulher portuguesa, ainda que usufruindo ao longo das últimas décadas de um incremento de poder nas relações sociais e políticas, continua a ser facilmente rotulada perante determinados comportamentos, colocando-a numa situação de desvantagem social em relação ao homem. Esta desvantagem social é facilmente amplificada quando nos posicionamos perante uma mulher que se prostitui (Foucault, 1994, as cited in Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro & Sacramento, 2007).

---

<sup>8</sup> Para uma maior fluidez da leitura optamos por excluir as denominações genéricas (os/as) entendendo-se incluídos todos os géneros.

Sem dúvida que a prostituição destaca a desigualdade entre os géneros sexuais, em que a mulher é o interveniente apontado como sexualmente transgressivo e imoral (Ribeiro, et al, 2007).

A prostituição assume-se como um fenómeno social (Ribeiro et al., 2007), não obstante o seu défice de integração numa sociedade, quer pela incapacidade de resposta a este fenómeno, quer pela falta de estudos científicos que permitam a sua compreensão e enquadramento social. O fenómeno da prostituição tem lugar na sociedade, mas rege-se por normas e princípios próprios, considerados não normativos e desviantes o que pode levar à definição de uma sub cultura (Coelho, 2009).

O panorama mais comumente conhecido da prostituição será o de uma mulher parada numa rua escura e pouco movimentada, vestida com roupas sexualmente apelativas e com maquilhagem excessiva, demonstrando disponibilidade para ter relações sexuais, em troca de dinheiro. No quotidiano, todos nos deparamos com esta situação. Mas este não é o único cenário da prostituição.

O fenómeno da prostituição é caracterizado pela sua multiplicidade, dado que a sua manifestação abrange a prostituição heterossexual, homossexual e bissexual, a prostituição adulta e adolescente, a prostituição de interior, a prostituição de rua e a prostituição não - presencial (Flowers, 1998).

A prostituta aponta para uma mulher, maior de idade que troca, com pessoas com quem não mantenham uma relação amorosa, serviços sexuais (contacto sexual, sexo oral e exibicionismo) por compensações materiais (Coelho, 2009; Flowers, 1998; Manita & Oliveira, 2002).

Flowers (1998) distinguiu dois tipos de prostitutas. As prostitutas voluntárias, que se iniciam na atividade prostitucional através de uma decisão racional e livre e as prostitutas compulsivas que, por serem dependentes de drogas e/ou álcool ou por possuírem patologias do foro psicológico e psiquiátrico, optam pela prostituição.

### **Motivações subjacentes à prostituição**

O passo concludente da entrada na prostituição reveste-se de diferentes motivações. Enquadrá-las de forma idiossincrática, humanizando as suas atrizes e desconstruindo preconceitos, permitirá alcançar o entendimento de que a prostituição não é tão linear nem isenta de significação. Aliás, o processo de tomada de decisão de entrada neste mundo marginal influencia a opinião da sociedade sobre a prostituição. As causas que fomentam o início da atividade prostitucional podem ser explicadas por constrangimentos de ordem social ou por uma escolha pessoal da mulher (Ribeiro et al., 2007).

#### *Prostituição de rua*

As prostitutas são classificadas segundo a classe, situação económica e as oportunidades de trabalho disponíveis. Os papéis

desempenhados pelas mesmas refletem os seus comportamentos ao nível da prostituição. Desta forma, é de salientar a disparidade económica entre as prostitutas de rua e as que pertencem à classe mais elevada dentro da prostituição, ou seja, as *call-girls* (solicita clientes ou é solicitada através de meio telefónico, para a prestação de serviços sexuais que têm lugar em casas, apartamentos ou hotéis) (Flowers, 1998).

A prostituta de rua pratica, geralmente, os preços mais reduzidos e apesar de trabalharem mais horas, em comparação com outro tipo de prostitutas, são as que ganham menos dinheiro (Sachsida & Moreira, 2010). Solicitam os clientes na rua e todo o cenário que as rodeia torna este grupo mais susceptível de sofrer violência (Canter, Iannou, & Youngs, 2009; Flowers, 1998; Monto, 2004). No estudo de Ribeiro e colaboradores (2007) a prostituição de rua insere-se num contexto próprio, que facilita a visibilidade da oferta de serviços sexuais. A prostituta de rua pode atuar fora (bouças; estradas) ou dentro das localidades (ruas estratégicas numa cidade). O local escolhido deve permitir a visibilidade ao mesmo tempo que não ofende susceptibilidades. Esta visibilidade incrementa o negócio da mesma forma que fomenta maior marginalização e maior exposição a perigos. A prostituta pode optar por vender os seus serviços num quarto de pensão ou no veículo do cliente ou dentro da bouça (Ribeiro et al., 2007).

A prostituição de rua implica maior esforço físico e mais desgaste psicológico. O contexto de rua propicia a violência, em que a prostituta é vítima de agressões (físicas, verbais e sexuais), roubo e ainda tem de controlar constantemente as entidades policiais (Canter, Iannou & Youngs, 2009).

A relação das prostitutas entre si é pautada por duas situações antagónicas: ora proclamam a competitividade de preços e territórios, ora protegem-se umas às outras. A rua apresenta uma hierarquia na utilização de espaços, em que a idade e a duração prostitucional são fatores a ter em conta por todas as prostitutas de rua (Ribeiro et al., 2007).

### *Enquadramento Jurídico-legal*

Em Portugal a prostituição não é um crime no código penal português (Almeida, 2011). Não existem, portanto, estruturas de enquadramento jurídico-legal que promovam e defendam os direitos das prostitutas, colocando-as numa situação de vulnerabilidade social (Sex Work Migration, 2009). O “vazio legislativo” (Oliveira, 2004) coloca a prostituição, na teoria, como inexistente e, na prática, como clandestina. A perturbação da ordem pública ou manifestação de comportamentos considerados impróprios podem ser razões para a detenção das prostitutas (Silva, 2007).

No entanto, a prostituição não constitui um crime ao abrigo da Lei Penal quando não é incentivada e é praticada de livre vontade. No Código

Penal Português, no capítulo dos "*crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual*", o Lenocínio (art.º 169.º), crime previsto no código penal português prevê moldura penal quando um terceiro "*profissionalmente ou com intenção lucrativa, fomentar, favorecer ou facilitar o exercício por outra pessoa de prostituição*". A Moldura penal poderá situar-se entre os seis meses e cinco anos ou sofrer um agravamento perante as alíneas do decreto-lei em causa, que poderá culminar numa pena de prisão de um a oito anos (Código Penal, 2009).

De salientar, que apesar da legislação vigente permitir a prática prostitucional, são ínfimas as diferenças nas condições de vida e de trabalho das prostitutas com países em que não existe a legalização: as prostitutas trabalham muitas horas, a percentagem do rendimento obtido pode ser metade do que auferem e muitas mulheres podem estar em situações ilegais (exploração por terceiros). Ao nível da saúde, as prostitutas são acompanhadas regularmente, mas os clientes não (Flowers, 1998).

Contudo, existem muitas formas de contornar a lei, através de agências de acompanhamento, bares noturnos ou casa de massagens (Flowers, 1998).

#### *Riscos associados à prostituição*

É impossível dissociar a prostituição de problemáticas como a violência, a vitimação, o tráfico sexual, toxicodependências ou doenças e infecções sexualmente transmissíveis, que Oliveira (2004) aponta como causas ou consequências do fenómeno prostitucional.

A violência é perturbadora do adequado desenvolvimento físico e psicológico e, em muitos casos, as vítimas de violência não a entendem como tal. No caso das prostitutas, é possível assimilarem a violência como errada, mas como facilmente explicável pela atividade que exercem. Raphael e Shapiro (2004), concluíram que a violência ocorre em todos os contextos em que a prostituição tem lugar, variando o tipo de violência e a sua frequência. Santos (2007) lega a todos os locais de prostituição uma conotação negativa perante a degradação física, económica e social.

Na nossa sociedade, as prostitutas fazem parte dos grupos mais vulneráveis à violência e, por isso, dos mais vitimizados (Oliveira, 2004). Os contornos de vulnerabilidade da prostituição de rua explicam a maior propensão para a ocorrência de violência. Permanecerem em zonas isoladas e escuras, sem proteção policial, dependendo de um proxeneta (que poderá também ele próprio ser violento) e clientes imprevisíveis são alguns dos fatores de risco (Oliveira, 2004).

As prostitutas de interior são acompanhadas pelo sistema de saúde, logo os índices de contração de AIDS ou de doenças e infecções sexualmente transmissíveis são mais reduzidos do que os presentes na prostituição de rua (Flowers, 1998).

Segundo Oliveira (2004), a desestigmatização social através da profissionalização da prostituição, poderia providenciar uma diminuição da

exclusão social e da violência. Um novo enquadramento jurídico-legal favoreceria a situação socioeconômica das prostitutas, além de providenciar melhores condições de trabalho e aumentar a vigilância e intervenção policial, o que significaria a diminuição da criminalidade perpetrada contra as prostitutas.

### **Método**

#### *Objetivos*

O objetivo deste estudo é analisar as opiniões e conhecimentos sobre a prostituição, junto de profissionais que contatem com o sistema de justiça, bem como a concordância dessas representações com o enquadramento jurídico-legal que os mesmos têm de aplicar.

Destes objetivos gerais, declinam-se alguns objetivos específicos: i) Analisar as percepções sobre as motivações de entrada na prostituição e se estas são coincidentes com fatores do meio social; ii) Perceber se os profissionais identificam as consequências sociais sofridas pelas atrizes sexuais; iii) Avaliar a opinião dos profissionais sobre a relação entre a legalização da prostituição e a violência a que as prostitutas podem estar sujeitas; iv) Averiguar a posição da amostra face ao enquadramento jurídico-legal atual; v) Averiguar se percebem que o enquadramento jurídico-legal instiga consequências sociais; vi) Perceber se a amostra acredita que a alteração da legislação diminuiria consequências sociais.

#### *Problema de Investigação*

Na sequência do exposto, colocam-se as seguintes questões de investigação que pretendemos ver respondidas nesta investigação: “Quais as representações sociais de profissionais que contatem com o sistema de justiça sobre a prostituição?” e “Essas representações sociais são concordantes com o enquadramento jurídico-legal referente à prostituição que os mesmos têm de aplicar?”.

### **Amostra**

A amostra é composta por 22 profissionais do sistema de justiça, dos quais 9 são agentes de autoridade (Polícia de segurança pública-PSP), 10 são advogados e 3 são juristas. As idades estão compreendidas entre os 22 e os 62 anos, sendo 11 participantes do sexo masculino e 11 do sexo feminino. No âmbito da sua profissão, seis contataram com prostitutas (1 agente de autoridade, 4 advogados e 1 jurista).

### **Instrumentos**

Na presente investigação, optou-se por uma metodologia quantitativa, em que se aplicou um questionário de opiniões e atitudes, elaborado para esta investigação, para o qual se salvaguardou o anonimato, tentando desta forma minimizar o fenómeno da deseabilidade social.

Com o intuito de recolher as opiniões e conhecimentos sobre a prostituição junto de profissionais inseridos no sistema de justiça foi elaborado um Questionário de opiniões e conhecimentos sobre a prostituição heterossexual feminina de rua (Oliveira & Fávero, 2010) Trata-se de um questionário de auto-preenchimento, constituído por 26 questões, cuja formulação origina quatro partes distintas.

A primeira parte do questionário procura a caracterização sócio – demográfica da amostra, relativamente à idade, sexo e profissão exercida, bem como averiguar se, no âmbito da sua profissão, contactou formalmente com mulheres que se prostituem.

Na segunda parte procurou-se caracterizar as opiniões e conhecimentos sobre a prostituição, a mulher que se prostitui, à atividade prostitucional, à profissionalização, aos motivos de entrada e permanência. Com estas questões procura-se perceber de que forma é entendida a prostituição e as suas atrizes, pelo que, a fim de analisar as opiniões dos participantes sobre a prostituta de rua, solicitamos aos participantes que indicassem as opções de resposta que mais se aproximassem com o pensavam ou conheciam sobre o tema.

O terceiro grupo de questões relaciona-se com as problemáticas associadas à prostituição, nomeadamente a estigmatização e exclusão social, a maternidade, a violência e o enquadramento jurídico-legal. Este grupo de questões encontra-se relacionado com o anterior, pretendendo perceber de que modo o enquadramento jurídico-legal está em conformidade com a representação social da amostra sobre a actividade prostitucional.

O último grupo de questões incide sobre a percepção da amostra perante a conotação social da sociedade portuguesa sobre a prostituição. Desta forma, foram colocadas questões sobre a representação social da sociedade portuguesa, sobre a concordância da substituição do termo “prostituição” pelo termo “trabalho sexual”, sobre a possibilidade de alteração da legislação e de que forma encaram a actividade prostitucional num futuro próximo.

### ***Procedimentos***

Numa primeira fase, o questionário foi enviado para contactos pessoais solicitando a colaboração no reencaminhamento do e-mail de forma a alcançar o maior número de pessoas, com o objetivo de atingir os elementos pretendidos da amostra. Numa fase posterior, iniciou-se uma pesquisa pela internet (motor de busca e rede social), procurando contactos específicos de agentes da autoridade e de advogados ou juristas. Os participantes assinaram um documentos de consentimento informado.

Apesar da persistência, durante os três meses de recolha de dados, a amostra conseguida foi de apenas 22 pessoas, tendo sido enviados centenas de questionários. A amostra foi obtida através da

técnica de bola de neve, onde se pediu a pessoas que conhecem pessoas que preenchiam os critérios de inclusão que indicassem outro/as. Só assim foi possível reunir a amostra.

Os dados obtidos foram tratados no SPSS (versão 20), seguindo uma análise estatística descritiva. As respostas às perguntas abertas foram categorizadas e codificadas de forma a poderem ser sujeitos à tratamento estatístico.

### **Resultados**

Dos 22 participantes, 13 afirmam ter contactado com prostitutas no âmbito da sua profissão (8 agentes da autoridade, 4 advogados e um jurista). O contacto realizado pelos agentes da autoridade decorreu de serviços de identificação, detenção e articulação com os Serviços de Estrangeiros e Fronteiras; o contacto efetuado pelos advogados surgiu por motivação profissional (aconselhamento e processo judicial) e o contacto efetuado pelo jurista foi decorrente de um relatório de apoio judicial.

As razões apontadas para a intervenção policial foram os comportamentos impróprios na via pública e questões de legalização/nacionalidade. De notar que a prostituição em si não constitui crime, contudo várias situações associadas podem ser alvo de intervenção judicial.

Sobre quem é a prostituta, 86,4% afirmam que se trata

de uma mulher que não encontra outra forma de obter rendimentos económicos, utilizando a prostituição como forma de sobrevivência. No entanto, as respostas também dividem-se entre a ideia de que é uma mulher toxicodependente, que para manter o vício iniciou-se na prostituição(50%) e uma mulher explorada e dominada, coagida por terceiros a prostituir-se (45,5%).

Sobre o fenómeno geral da prostituição verificamos que 59,1% dos profissionais indicam a prostituição como um trabalho que deveria ser instituído como profissão e um fenómeno que existe porque há oferta e procura (36,4%), além de ser o resultado do estatuto socioeconómico precário das mulheres que se prostituem (13,6%) e reflexos de uma sociedade patriarcal que incentiva a dominação masculina e perspectiva a mulher como objeto sexual (13,6%).

Quando se questiona a amostra sobre a viabilidade da profissionalização da prostituição, 16 profissionais (72,7%) posicionaram-se favoravelmente.

No que se refere aos motivos de entrada na prostituição, a maior parte aponta o desemprego persistente (72,7%). No entanto, a toxicodependência (54,5%), a coação física e psicológica por parte de outrem (45,5%) e a escolha racional e livre (36,4%) são também indicados. Nenhum profissional considera que as mulheres optam pela prostituição para obtenção de prazer sexual.

A opinião dos profissionais se divide quando a questão da permanência das mulheres na atividade prostitucional. A maioria defende que se deve aos benefícios económicos provenientes da prostituição (63,6). No entanto, também valorizam a inexistência de suporte familiar, social ou institucional (50%), a toxicodependência (45,5%) e a existência de terceiros dependentes. Um terço considera que as mulheres permanecem na prostituição porque são obrigadas (36,4%).

No que respeita à opinião sobre a percepção da sociedade portuguesa sobre a prostituição, a maioria entende que a sociedade encara o fenómeno prostitucional como o último recurso para a obtenção de rendimentos económicos (45,5%). A totalidade da amostra defende que a estigmatização e exclusão social das prostitutas advém do fato de a população apenas avaliar o que observa, ignorando a mulher que se prostitui (45,5%). Por outro lado, 13,6% concordam que a sociedade associa a prostituição à promiscuidade sexual e à destruição da família, e consideram que o comportamento, visto como desviante, é fruto de uma opção clara e livre (13%).

No que toca ao desempenho do papel de mãe, as respostas indicam diversas posições adversas. Por um lado, os sujeitos entendem a prostituta com filhos como “uma mãe trabalhadora que providencia as melhores condições para o desenvolvimento e bem-estar dos seus filhos”. Por outro lado, pensam que a prostituta é “uma mulher irresponsável, que transmite um modelo de comportamento errado e condenável” aos seus filhos. De salientar que 22,7% dos sujeitos optaram por escrever a sua própria resposta, referenciando que as competências parentais da prostituta não dependem da atividade que exerce, mas sim do tipo de relação que possui com os filhos (suporte educacional, contacto afetivo e emocional).

A ideia de que existe violência associada à prostituição de rua é unânime a toda a amostra, que distinguiu os seguintes tipos de violência: agressão física (90,9%); agressão verbal (77,3%) e agressão sexual (63,6%).

No entanto, consideram que a taxa de queixas apresentadas pela prostituta é muito reduzida, e referem que isto pode dever-se à consciência que as próprias interiorizam de que não têm credibilidade social, o que leva a um sentimento de inutilidade de apresentação da queixa (31,8%), medo de represálias (18,2%) e fato da família e pessoas próximas desconhecerem a atividade prostitucional (13,6%). Por outro, isto faz com que, quando apresentam queixa, não mencionem a atividade, o que implica a diminuição das estatísticas.

Enquanto 63,6% dos profissionais consideram que a despenalização da prostituição poderá proteger a prostituta do risco de violência, 36,4% defendem que tal não aconteceria, visto que o estigma social persistiria. Por outro lado, 72,7% defendem a legalização do trabalho sexual, alegando que as prostitutas deveriam poder exercer os

seus direitos e deveres enquanto cidadãs (36,4%) e, com a legalização, poderia ser alvo de um maior controlo sanitário e social (22,7%). De salientar que apenas 22,7% acham que a despenalização deveria manter-se.

No que toca ao Lenocínio, um crime passível de pena de prisão ao abrigo do código penal, 59,1% pensam que se deve manter a medida penal.

A substituição do termo "prostituição" por "trabalho sexual" foi considerada por 50% da amostra, sendo que a outra metade defende que a terminologia trabalho sexual poderia ter utilidade após a profissionalização da prostituição quando "controlados os rendimentos e pagamento de impostos" dado que, por enquanto, não se trata de "um trabalho e não deveria assim ser denominado".

Solicitamos aos participantes que se posicionassem perante a relação entre o atual estado político-económico português e o fenómeno da prostituição, e verificamos que 36,4%, dos profissionais indicaram que o fator económico pode fomentar o aumento da prostituição em Portugal.

## **Discussão**

Para os profissionais estudados nesta investigação, a prostituição de rua é resultante, de fatores externos (desemprego; baixos rendimentos económicos), atribuindo pouco significado a fatores internos, tais como a moralidade, o apetite sexual ou fruto de um processo de tomada de decisão racional. Conferindo ao fenómeno da prostituição uma origem externa, compreende-se que este fenómeno seja analisado segundo o binómio oferta – procura, sendo relevante a viabilização da sua profissionalização.

A prostituta de rua é perspectivada como uma mulher que encontrou na prostituição a resposta a uma situação socioeconómica adversa, sustentado no pressuposto de que vende o que um outro procura. É notória a associação da toxicod dependência à mulher que se prostitui, bem como a coação por parte de terceiros. Desta forma, os profissionais distinguem a prostituição da identidade social da mulher que se prostitui, resultando numa perspectiva mais favorável. Assim, o olhar reprovador sobre o fenómeno da prostituição é contrabalançado pela atribuição dos comportamentos da mulher que se prostitui a fatores que estão fora do seu controlo e, consequentemente, da sua responsabilidade.

A opinião sobre a prostituta vai de encontro aos constrangimentos sociais, sendo pouco incidentes a prostituta voluntária de Benjamim e Masters (as cited in Flowers, 1998). Mais facilmente são entendidas as prostitutas compulsivas, visto que a toxicod dependência é uma das motivações de entrada mais apontada pelos profissionais.

O fenómeno da prostituição de rua é perspectivado como um negócio, assente no binómio oferta – procura, salientando a componente económica. Aliás, a principal motivação apontada para a entrada na

prostituição é a obtenção de rendimentos económicos, primeiramente pelo desemprego, para sustentar a toxicoddependência e pela coação física e psicológica por terceiros. Após a entrada na prostituição, os benefícios monetários obtidos funcionam como fatores de atratividade, que aliados à inexistência de suporte familiar ou institucional, bem como a toxicoddependência, sustentam a permanência na prostituição.

Embora manifestassem um olhar positivo sobre a identidade da mulher que se prostitui, no que concerne à maternidade deparamo-nos com duas situações divergentes. Por um lado, a prostituta é perspectivada como uma mãe que procura garantir o bem-estar dos seus filhos e, por outro lado, é vista como alguém que transmite um modelo de comportamento e de valores morais reprováveis. A avaliação que fazem da prostituta com filhos divide-se entre uma mulher irresponsável, que transmite um modelo de comportamento errado e condenável e uma mãe trabalhadora, que providencia as melhores condições para o bem-estar dos seus filhos. Estas respostas parecem indiciar uma dificuldade de escolha entre o modelo de comportamento errado da prostituição e o esforço para superar as adversidades do meio, que é realizado pela mulher que se prostitui.

Sobre a estigmatização social associada à prostituição de rua opinam que a prostituta é vista em Portugal como um elemento destruidor do modelo tradicional de família, perspectivada pela sua promiscuidade sexual. Desta forma, será explicável uma percepção negativa sobre a prostituta com filhos.

A percepção da amostra sobre como a prostituta é vista pela sociedade portuguesa coincide com a análise das teorias culturais (Flowers, 1998) de que a prostituição é reflexo da desestruturação da família, da rejeição de valores morais e adesão e propagação de comportamentos desviantes.

As consequências sociais da prostituição de rua, a estigmatização social, a discriminação social e a violência, são entendidas como fenómenos existentes. A estigmatização social resultará principalmente da negação social da identidade da mulher que se prostitui, o que vai de encontro à percepção dos profissionais deste estudo, sobre a falta de credibilidade do testemunho das prostitutas, que surge como principal motivo para o reduzido número de queixas apresentadas às autoridades policiais, quando estas são vítimas.

Nestas opiniões sobre a prostituição, dos profissionais do sistema de justiça, vemos eco da Teoria da Anomia Social de *Merton* (Merton, 1938 as cited in Born, 2005). A sociedade não faculta os meios necessários ao sucesso social que estabelece e, por isso, a mulher procura a prostituição como meio alternativo para alcançar os seus objetivos. Assim, os profissionais deste estudo atribuem o comportamento da mulher que se prostitui a fatores externos à mesma, demonstrando empatia pela prostituta.

De acordo com Oliveira (2004) as prostitutas pertencem aos grupos mais vulneráveis à violência e, conseqüentemente, dos mais vitimizados. A percepção de todos os participantes corrobora esta tendência. A maioria dos participantes acredita que o enquadramento jurídico-legal influencia a ocorrência de violência. Quando questionados sobre o qual o enquadramento jurídico-legal que mais se adequa ao fenômeno da prostituição, a generalidade dos sujeitos refere a legalização da prostituição. Esta opção é sustentada pela crença de que a legalização aumentaria a proteção da mulher que se prostitui. Estes dados permitem-nos responder a um dos objetivos do estudo, indiciando que não existe concordância entre as opiniões sobre prostituição com o enquadramento jurídico-legal. Os participantes demonstram preferir a legalização do trabalho sexual em vez da atual só despenalização. Desta forma, segundo a amostra, a legalização poderia diminuir a ocorrência de violência, bem como garantir a promoção dos direitos e deveres das prostitutas enquanto cidadãos. De salientar que, quando solicitados para caracterizar o fenômeno da prostituição, a resposta mais frequente não incide sobre a caracterização da prostituição, mas sim sobre uma resposta social e política a este fenômeno – que poderia passar pela legalização do trabalho sexual.

O lenocínio é um crime, punível com pena de prisão, que criminaliza o proxeneta. A amostra revelou grande aproximação entre criminalizar ou não todos os intervenientes do fenômeno da prostituição (proxeneta, cliente e prostituta). O cliente é visto como tão responsável pela manutenção do fenômeno da prostituição como a prostituta.

A caracterização da prostituição de rua pelos participantes vai de encontro à percepção que atribuem à sociedade portuguesa, ou seja, a componente económica continua a ser o móbil deste fenômeno. Perante a precariedade económica de uma sociedade, acreditam no aumento do fenômeno da Prostituição.

Outro aspecto interessante a salientar é que o principal motivo referido a favor da legalização da prostituição foi a possibilidade das prostitutas poderem exercer os seus direitos e deveres cívicos, o que vai de encontro à ideia de que a legalização da prostituição expressa tolerância face à mulher que se prostitui.

## **Conclusão**

Os dados obtidos e a, subsequente, análise permitiram responder a todos os objetivos do estudo em causa, o que culminou na significatividade da amostra recolhida e não na sua representatividade.

Os participantes deste estudo atribuem o fenômeno da prostituição a fatores externos que condicionam a mulher que se prostitui, demonstrando compreensão para com a sua identidade pessoal, sendo maioritariamente a favor da alteração do enquadramento jurídico-legal para a legalização. Estes aspectos gerais sobre o fenômeno da prostituição

parecem revelar, por um lado, a discordância destes profissionais face à lei que seguem e aplicam e, por outro, indiciam uma perspectiva empática face às mulheres que se prostituem, o que poderá ser um facilitador da relação quotidiana que estabelecem no contacto com essas mulheres. Assim, e pelas funções que desempenham de garantia dos direitos das prostitutas enquanto seres humanos, encontram-se numa posição privilegiada para iniciar o processo de desestigmatização destas pessoas.

A maior limitação deste estudo foi a recolha da amostra. A procura de uma população específica, associada à atitude defensiva da mesma face à temática, condicionou a recolha de uma amostra mais abrangente.

Para futuras investigações, tendo em conta a aparente desadequação do enquadramento jurídico-legal português atual, de acordo com as percepções das pessoas que contactam profissionalmente com as prostitutas, seria interessante perceber as representações sociais face ao fenómeno das entidades legisladoras, visto que são estas entidades que estão mais próximas de poder alterar a situação jurídico-legal das prostitutas. Sugere-se a recolha de representações sociais dos deputados da assembleia da república dado que a aprovação da lei tem de ser feita por este grupo.

### Referências Bibliográficas

- Almeida, C. (2011). **Código Penal Português**. 16ªed. Edições Almedina.
- Born, M. (2005). **A Psicologia da Delinquência**. Lisboa: Climepsi.
- Canter, D. V., Iannou, M. & Youngs, D. (2009). **Safer sex in the city: the experience and management of street prostitution**. Burlington: Ashgate.
- Coelho, B. (2009). **Olhar os quadros que nos enquadram a visão: perspectivas teóricas sobre a prostituição e as prostitutas**. Centro de Investigação e estudos de sociologia. Retrieved from [http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP66\\_Coelho.pdf](http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP66_Coelho.pdf)
- Flowers, R. (1998). **The prostitution of Women and Girls**. Jefferson: McFarland.
- Niemi, J. (2010). What we talk about when we talk about buying sex. **Violence Against Women**, 16(2) 159–172.
- Manita, C. & Oliveira, A. (2002). **Estudo da caracterização da prostituição de rua no Porto e Matosinhos**. Porto: Cadernos Condição Feminina.
- Monto, M (2004). Female prostitution, customers, and violence. **Violence Against Women**, 10(2), 160-188. doi: 10.1177/1077801203260948
- Oliveira, A. (2004). **Prostituição, exclusão e violência. Estudo empírico da vitimação sobre prostitutas de rua**. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Retrieved from <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/13933>

- Raphael, J. & Shapiro, D. (2004). Violence indoor and outdoor prostitution venues. **Violence Against Women**, 10, 2, 126-139.
- Ribeiro, M., Silva, M., Schouten, J., Ribeiro, F. & Sacramento, O. (2007). **Vidas na Raia. Prostituição feminina em regiões de fronteira**. Porto: Edições Afrontamento.
- Sachsida, A. & Moreira, T.B. (2010). A theory of prostitution. **Economia e Desenvolvimento**, 9 (1), 50-69.
- Santos, J. (2007). **Pelas ruas da cidade: a prostituição na Baixa Lisboa**. Centro de Investigação e estudos de sociologia. Retrieved from [http://www.cies.iscte.pt/destaques/documentos/CIES-WP21\\_Santos\\_.pdf](http://www.cies.iscte.pt/destaques/documentos/CIES-WP21_Santos_.pdf)
- Sex Work Migration Health (2009). **A report on the intersection of legislations and polices regarding sex work, migration and Health in Europe**. Tamped: Autor.
- Silva, S. (2007). Classificar e silenciar: vigilância e controlo institucionais sobre a prostituição feminina em Portugal. **Análise psicológica**, 184, 789-810.

## A violência nas relações amorosas dos adolescentes

*The adolescent dating violence*

Marisvalva Fávero<sup>9</sup>  
Joana Gonçalves Vasconcelos<sup>10</sup>  
Amaia Del Campo<sup>11</sup>

### Resumo

Pretendemos caracterizar a violência no namoro na população adolescente e, compreender até que ponto a relação conjugal dos pais e a relação entre pais e filhos, percebidas por estes, influenciam as suas relações afetivas. A amostra foi composta por 157 adolescentes (78 rapazes e 79 raparigas), de uma escola da zona norte de Portugal, sem qualquer sinalização prévia de violência familiar ou relacional. Todos os adolescentes preencheram o Questionário de Caracterização da Violência nas Relações Afetivas, elaborados para este estudo. Os resultados sugerem que os adolescentes tanto são vítimas como agressores, prevalece a agressão psicológica e não foi encontrada relação estatisticamente significativa entre a relação conjugal dos pais, a relação entre pais e filhos e as relações afetivas dos adolescentes.

**Palavras-chave:** Adolescente; Violência no Namoro; Relação conjugal dos pais; Relação Pais-adolescentes.

### Abstract

We intend to characterize teenage dating violence and understand the extent to which perceived parents' marital quality and parent-adolescent relationships influence their relationships. The sample consists of 157 young (78 boys and 79 girls) from a school in the north of Portugal, without any advance warning about family or dating violence. The instrument used was the Questionnaire of Characterization of Dating Violence, prepared for this study. The results suggest that teenagers are victims and perpetrators; prevailing psychological aggression and there was no statistically significant relationship between marital quality, parent-adolescent relationships and adolescents dating relationship.

**Keywords:** Teenager; Dating violence; Perceived parent-adolescent relationships; Perceived parents' marital quality

---

<sup>9</sup> Psicóloga e sexóloga, Psicodramatista, Professora Universitária no Instituto Superior da Maia; Investigadora na UNIDEP/Porto e CINEICC/Coimbra/Portugal.

[mfavero@ismai.pt](mailto:mfavero@ismai.pt)

<sup>10</sup> Psicóloga. Mestre em Sexologia, ISMAI.

<sup>11</sup> Psicóloga/Docente Universitária na Universidade de Salamanca/ Investigadora na UNIDEP/Maia e CINEICC/Coimbra/Portugal

## Introdução<sup>12</sup>

A violência no namoro, normalmente referida na literatura como "dating violence" ou "courtship violence" (Caridade & Machado, 2006; Raiford, Wingood & Diclemente, 2007), pode entender-se como algum tipo de abuso sexual, físico ou verbal (Ashley & Foshee, 2005; Muñoz-Rivas, Graña, O'Leary & González, 2007; Guerrero, 2008; Raiford et al., 2007) perpetrado por um(a) namorado(a).

Inicialmente os estudos sobre violência afetiva eram exclusivamente sobre casais adultos, contudo, os estudos no âmbito desta população concluíram que grande maioria de casamentos violentos possui precedentes de namoro violento e controlador (Matos, 2000; Howard & Wang, 2003; Price & Beyers, 1999).

A violência em contextos de namoro, no entanto, tem sido reconhecida nas duas últimas décadas como um problema social preocupante, tendo em conta a maioria dos estudos de prevalência (Campbell, Fredland, Glass, Kub, Sharps & Yonas, 2003; Fathalla, 2005; Kronbauer & Meneghel, 2005).

Em termos gerais, este tipo de violência envolve as mesmas dinâmicas da violência marital, partilhando alguns dos seus fatores de risco, nomeadamente, um quotidiano em que a presença de violência na família de origem, o funcionamento familiar disfuncional e o isolamento social são uma constante, entre outros (Taquette, Ruzany, Meirelles & Ricardo, 2003; Allen & Kaura, 2003; Dalhberg, 1998, as cited in Campbell et al., 2003; Wilson, 1997).

Contudo, a verdadeira prevalência é desconhecida pelo fato de que 6 em cada 10 mulheres não procuram cuidados médicos (Paiva & Figueiredo, 2005).

Estudos realizados no princípio do século encontraram entre 20% e 30% de casos de violência no namoro dos adolescentes (Berry, 2000; Mahoney, West & Williams, 2001; Moffitt, Caspi, Fagan & Silva, 1997).

Estudos mais recentes indicam que a prevalência deste fenómeno entre os adolescentes se encontra entre os 9% e os 40% (Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010; Guerrero, 2008; Muñoz-Rivas et al., 2007; Raiford et al., 2007).

Estes dados são confirmados por algumas investigações portuguesas, constatando que 15,5% dos indivíduos em relacionamentos amorosos já teriam sido vítimas de pelo menos um ato violento e 21,7% admitiram ter adotado este tipo de condutas em relação aos seus companheiros (Caridade & Machado, 2008).

---

<sup>12</sup> Para uma maior fluidez da leitura optamos por excluir as denominações genéricas (os/as) entendendo-se incluídos todos os gêneros.

Tanto as investigações internacionais como nacionais revelaram que a violência é perpetrada por ambos os sexos (Caridade & Machado, 2006; Chan et al., 2008; Jain, Buka, Subramanian & Molnar, 2010), sendo que muitas vezes sucede uma troca de agressões mútua, sendo que as mulheres são tão violentas quanto os homens (Caridade & Machado, 2006; Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010) e tanto os rapazes como as meninas são vítimas ou perpetradores de violência (Capaldi, Kim & Shortt, 2007; Caridade & Machado, 2006; Foshee et al., 1998; Straus, 2004, 2008; Wolf & Foshee, 2003). Em alguns estudos verificou-se que os rapazes apresentam mais violência física e as raparigas mais violência verbal (Capaldi, Kim & Shortt, 2007; Caridade & Machado, 2006; Coelho, 2006; Paiva e Figueiredo; 2004).

Quanto ao tipo de violência, apesar da evidência da presença de violência física (Straus, 2004, 2008), nos estudos de Paiva e Figueiredo (2004) e Straus (2008) a agressão psicológica, essencialmente insultos, ameaças, jogos psicológicos e coerção, tanto ao nível da perpetração como da vitimização, é o tipo de abuso mais prevalente (Ferreira & Pimentel, 2008).

Também a coerção sexual é bastante comum nas relações de namoro (Caridade & Machado, 2008; Price & Byres, 1999), embora no estudo de Caridade e Machado (2006), com jovens mulheres, estas sublinharam alguma naturalidade e tolerância à estas experiências.

Apesar de ser uma evidência na violência das relações íntimas a agressão psicológica só mais recentemente tem sido alvo de investigação (Paiva & Figueiredo, 2005; Straus, 2008).

A violência no namoro desencadeia uma série de consequências nas vítimas, que passam pelos sintomas físicos e psicossomáticos (Ashley & Foshee, 2005; Paiva & Figueiredo, 2005), disfunções do comportamento alimentar, stresse pós-traumático, perturbações emocionais, como a baixa autoestima, comportamentos sexuais de risco (Almeida, 2009; Guerrero, 2008), e também por graves sintomas de depressão e suicídio (Straus, 2008).

### *A Adolescência e os fatores que contribuem para a vivência das relações afetivas*

Entre todas as descobertas que a socialização na adolescência promove Connolly, Craig e Pepler (2004), defendem que a principal é a emergência das relações afetivas. A forma como os adolescentes estabelecem relações e os níveis de intimidade que desenvolvem são "uma rampa de lançamento" progressiva para futuros relacionamentos (Connolly et al., 2004). Estes mesmos autores salientam que as relações afetivas na adolescência são influenciadas pelo contexto sociocultural e familiar no qual o adolescente está integrado. As famílias europeias e norte-americanas, por exemplo, encorajam muito mais os seus jovens a

desenvolver relações afetivo-sexuais do que as famílias asiáticas, que incentivam relações mais tardias.

A teoria da transmissão intergeracional da violência defende que a exposição de uma criança ou adolescente continuamente à violência familiar pode ser um forte preditor de violência nas relações amorosas, visto que estes absorvem o tipo de agressão e criam o seu próprio estilo de resposta à violência (Wolf & Foshee, 2003). Desta forma, perante uma relação afetiva os adolescentes podem naturalmente responder à resolução dos problemas tal como observaram, desde sempre, os seus pais a reagir (Clark, Shaver & Calverley, 1994; Swinford, DeMaris, Cernkovich e Giordano, 2000; Wolf & Foshee, 2003).

### **Método**

Nesta investigação sobre a violência nas relações de namoro adolescente pretende-se estabelecer uma continuidade com os estudos sobre sexualidade e ciclo vital e vitimologia, desenvolvidos nos últimos anos em Portugal, e ao mesmo tempo complementar as conclusões já obtidas, através da introdução de novas variáveis de estudo.

Desta forma, um dos aspetos que mais enfatizamos é a escolha de adolescentes de uma faixa etária mais baixa, tendo em conta que a maioria dos estudos realizados na área possui amostras compostas por jovens universitários. Uma outra particularidade deste estudo é o facto de não se centrar apenas na caracterização do tipo de violência mais exercida pelos jovens nas suas relações, mas também a associação existente entre o fenómeno em estudo e a percepção das relações familiares.

Assim sendo, o objetivo geral é caracterizar a violência nas relações amorosas dos adolescentes, e compreender até que ponto a percepção da relação interparental e da relação entre pais e filhos interferem com as experiências de violência no namoro.

Quanto aos objetivos específicos pretende-se:

- 1 - Identificar os tipos de violência entre casais adolescentes;
- 2 - Identificar o sexo mais afetado pela violência no namoro;
- 3 - Compreender a influência que a percepção da relação parental pode exercer sobre as relações afetivas dos adolescentes.
- 4 - Demonstrar a associação entre percepção das relações pais e filhos e as experiências de violência no namoro.

Na sequência do exposto, colocam-se as seguintes questões de investigação que pretendemos ver respondidas nesta investigação e as seguintes hipóteses:

Problema 1: Quais são as características da violência nas relações afetivas dos adolescentes?

H1 - O tipo de agressão mais frequente entre os casais adolescentes, é o de cariz psicológico (Arriaga & Oskamp, 1999; Paiva & Figueiredo, 2004; Straus, 2008);

H2 - As adolescentes são mais frequentemente vítimas de abuso ou agressão nas relações afetivas dos adolescentes, tal como se sucede na violência entre casais adultos (Cedrés & Mendez, 2000; Dias, 2000; Fathalla, 2005; Kronbauer & Meneghel, 2005; Paiva & Figueiredo, 2003; 2005; Price & Beyers, 1999; Raiford et al., 2007; Wolf & Foshee, 2003).

Problema 2: A percepção que os adolescentes possuem da relação entre os seus pais, influencia as suas relações afetivas?

H3 - Os adolescentes que percebem a relação dos pais como conflituosas, apresentam mais comportamentos de vitimação e ofensa nas relações amorosas (Cedrés & Méndez, 2000; Wolf & Foshee, 2003).

Problema 3: A percepção que os adolescentes possuem da sua relação com os seus pais influencia as suas relações afetivas?

H4 - *Os adolescentes que percebem a relação com os pais como conflituosa apresentam mais comportamentos de vitimação e ofensa nas relações amorosas* (Dutton et al., 1994; Hazan & Shaver, 1987).

#### *Amostra*

A amostra, de conveniência, é constituída por 163 adolescentes, estudantes, na área litoral do Grande Porto, 83 rapazes e raparigas, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, prevalecendo a faixa etária dos 15 anos (30,6%). Setenta e um jovens (45,2%) possuem neste momento um namorado, 54,8% (n:86) não possuem no momento, mas já tiveram uma relação de namoro.

Os adolescentes provêm de famílias com características sócio-econômicas médias/médias-baixas. O nível de empregabilidade dos pais é elevado (pais - 87,9% / mães - 80,3%), possuindo habilitações académicas que se centram essencialmente entre a primária e o sexto ano de escolaridade (respectivamente pais - 38,9%/ mães - 38,2%). Mais de metade habita em zona rural (45,2%), com os pais (59,6%), sendo estes maioritariamente casados (80,9%) e possuem um ou mais irmãos (93,6%).

#### *Procedimentos*

Para este estudo foram desenvolvidas todas as providências necessárias para proteger os direitos e liberdades dos participantes. A continuidade do processo e restante acompanhamento da investigação foi mantido pela Diretora Pedagógica e a responsável pelos Diretores de Turma da escola. Em colaboração com a equipa de direção referida foi estabelecido um calendário e um plano de distribuição de trabalho, de forma a que todas as turmas da escola fossem inquiridas e informados os respectivos professores das disciplinas. A investigação foi assumida como uma atividade interna da escola e o consentimento informado assumido pela Direção Pedagógica. Foi realizada uma apresentação da finalidade do estudo aos alunos, que foram devidamente informados do caráter

voluntário do seu preenchimento, bem como do anonimato dos questionários e garantia da confidencialidade das respostas e resultados individuais. Os questionários foram preenchidos na sala de aula, durante um tempo letivo (45 minutos).

Da totalidade dos questionários preenchidos (163), a amostra final foi de 157, tendo sido incluídos só os adolescentes que têm ou tiveram uma relação afetiva.

### *Instrumentos*

Foi elaborado para este estudo o Questionário de Caracterização da Violência nas Relações Afetivas, tendo como base a revisão teórica prévia. É composto por 4 partes: 1) Questionário Sociodemográfico (17 perguntas); 2) Caracterização da relação com os pais (3 perguntas com 5 possibilidades de resposta); 3) Caracterização da relação entre o pai e a mãe (3 perguntas com 5 possibilidades de resposta); 4) Caracterização da violência no namoro (4 questões sobre vitimação e 4 sobre perpetração); 5) Crenças sobre a violência no namoro (9 de respostas sim/não)

## **Resultados**

### *Caracterização das relações intrafamiliares*

Os adolescentes avaliam como muito boa e de proximidade a sua relação com a mãe (58,6%) e com o pai (43,3%). Da mesma forma, a maioria percebe a relação entre o pai e a mãe como muito boa e de proximidade (58,6%).

### *Caracterização da violência no namoro*

Do total da amostra, incluídas as experiências afetivas atuais e passadas, 9,6% (n:15) sofreram violência no namoro, sendo que 10,7% mais do que um tipo. Na maioria dos casos, sofreram agressão psicológica (7,6%), sendo de salientar que não menos importantes foram os casos de abuso físico sem sequelas (0,6%), abuso físico com sequelas (0,6%) e coerção sexual (1,9%).

Por outro lado, 10,2% provocaram mais do que um tipo de violência, na maioria dos casos agressão psicológica (6,4%), seguida de abuso físico sem sequelas (1,9%), agressão psicológica (6,4%) e coerção sexual (1,9%).

A Tabela 5 indica-nos as opiniões dos adolescentes quanto à violência nas relações amorosas, de notar que opinam que alguns rapazes ou meninas merecem ser agredidos (16,6%), por exemplo, se tiverem um comportamento de infidelidade devem ser maltratados (14,6%). Se forem insultados podem agredir o outro como resposta (17,8%). Um elevado número de adolescentes considerou também que uma bofetada não magoa ninguém e por vezes é preciso (53,5%) e que os insultos são normais entre um casal (25,5%). Por último, 5,1% destes adolescentes

consideram que bater no namorado(a) quando se está aborrecido ou irritado é normal e um comportamento sem gravidade.

Sobre as causas da violência nas relações amorosas afirmam que o abuso de substâncias e problemas como o desemprego e a falta de dinheiro são as principais (82,2%), sendo nas famílias de baixo nível educacional e económico onde mais se sucedem estes casos (9,6%).

**Tabela 5: Crenças dos adolescentes da amostra face à violência afetiva**

Amostra (n=157)

Crenças	Frequência Sim	%
Achas que algumas meninas/rapazes merecem que lhes batam?	26	16,6
Um (a) namorado (a) infiel deve ser maltratado (a)?	23	14,6
É mais aceitável um rapaz bater numa rapariga do que o contrário?	17	10,8
Se o(a) teu(tua) namorado(a) te insulta tens razões para o(a) agredir?	28	17,8
As causas da violência nos casais são o abuso de substâncias (álcool, droga) e outros problemas (desemprego, falta de dinheiro)?	129	82,2
Os maus tratos ocorrem só nas famílias de baixo nível educacional e económico?	15	9,6
Uma bofetada não magoa ninguém e às vezes é preciso?	84	53,5
Os insultos são normais entre um casal?	40	25,5
Bater no(a) namorado(a) quando se está irritado ou aborrecido é normal; uma coisa sem gravidade?	8	5,1

No sentido de verificar se o tipo de agressão e abuso mais habitual é de cariz psicológico, procedeu-se a uma análise das frequências dos casos que evidenciaram violência no namoro. Conclui-se que entre o grupo de vítimas (9,6%), 80% sofreram violência psicológica comprovando-se assim a Hipótese 1.

Verificamos que contrariamente à nossa hipótese 2, as adolescentes não são mais frequentemente vítimas de abuso ou agressão nas relações afetivas adolescentes, tal como sucede na violência entre casais adultos. Verificou-se que 7(4,48%) das vítimas são rapazes e 8(5,12%) raparigas. Realizou-se um teste de qui-quadrado de ajustamento e verificou-se que não há diferenças significativas entre os sexos ( $p > 0,5$ ).

No sentido de testar se a percepção dos adolescentes sobre a relação conjugal entre os seus pais está associada à violência no namoro, calcularam-se as medianas da percepção dos adolescentes e verificou-se

que estas são iguais entre os dois grupos da amostra (=1-Muito boa e de proximidade; 2-Boa e de alguma proximidade; 3-Razoável; 4-Má e de algum afastamento; 5-Muito má e de afastamento), logo não se valida a hipótese 3.

De forma a verificar a Hipótese 4 (a relação que os adolescentes possuem com os pais influencia as suas relações afetivas), calcularam-se as medianas da percepção que os adolescentes possuem da relação com os pais, sendo estas iguais entre os dois grupos da amostra (= 1 - Muito boa e de proximidade; 2-Boa e de alguma proximidade; 3-Razoável; 4-Má e de algum afastamento; 5-Muito má e de afastamento), logo não se valida na amostra esta hipótese H4.

## **Discussão**

A violência nas relações afetivas dos adolescentes tem sido relacionada com diversos fatores, tais como a autoestima, maus-tratos infantis e aspectos do desenvolvimento pessoal e fisiológico.

No presente estudo, consideramos uma amostra de 157 adolescentes, dos quais 45,2% refere ter um relacionamento no momento e 54,8% não ter no presente mas já ter tido no passado. Destes, 9,6% sofreram algum tipo de violência no namoro.

Os resultados demonstraram que 7,6% sofreram violência psicológica e 6,4% provocaram violência psicológica. A prevalência encontrada para cada um dos tipos de abuso na nossa amostra é substancialmente inferior ao valor encontrado em outros estudos nacionais e internacionais (Ashley & Foshee, 2005; Caridade & Machado, 2006; Paiva & Figueiredo, 2004; Price, Byers e o Dating Violence Research Team, 1999; Straus, 2008), contudo, a nossa amostra referiu a existência de insultos, ameaças, jogos psicológicos e coerção (Ferreira & Pimentel, 2008).

A literatura científica sobre a violência nas relações amorosas nos levou a pensar que também na nossa amostra, as mulheres seriam mais afetadas, mas tal não se confirmou.

No entanto, o nosso estudo devolveu-nos outros resultados importantes e que vão de encontro à realidade da violência no namoro obtida em outros estudos (Caridade & Machado, 2006; Chan et al., 2008). Tanto os rapazes como as meninas são vítimas ou perpetradoras de violência (Ashley & Foshee, 2005; Capaldi, Kim & Shortt, 2007; Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010; Foshee et al., 1998; Kernsmith & Tolman, 2011; Wolf & Foshee, 2003), muitas vezes sucede-se troca de agressões mútua, em que as adolescentes podem ser tão violentas quanto os adolescentes (Aldrighi, 2004; Caridade & Machado, 2006).

Os resultados estatísticos não evidenciaram qualquer tipo de relação significativa entre a percepção dos adolescentes sobre a relação

entre os seus pais enquanto casal, e o envolvimento em relações de namoro violentas.

Algumas investigações defendem a experiência familiar como a principal justificação deste fenómeno (Caridade & Machado, 2006; Wolf & Foshee, 2003), para as quais a violência familiar é um antecedente da violência no namoro, no sentido em que as crianças e adolescentes absorvem o tipo de ambiente a que estão sujeitos, criando depois as suas próprias interpretações.

Contudo, segundo Cedrés e Méndez (2000) a repetição deste tipo de comportamentos parece depender de outros fatores que não foram avaliados neste estudo, como a frequência e gravidade da violência observada, o sexo do observador ou o tipo de implicação na violência familiar, se somente observador ou também vítima. Logo, nem sempre os adolescentes que assistem à conflitos interparesse se transformam em agressores (Kernsmith, 2006; Wolf & Foshee, 2003).

A nossa hipótese de que a percepção da relação que os adolescentes possuem com os seus pais pode relacionar-se com a violência no namoro, não foi confirmada. Neste sentido, os nossos resultados contradizem as restantes investigações de que o tipo de experiências e cuidados que uma criança vai recebendo ao longo do seu desenvolvimento, são cruciais para a qualidade e equilíbrio das suas relações futuras (Kernsmith, 2006; Paiva & Figueiredo, 2003). Segundo os estudos de Hazan & Shaver (1987) crianças maltratadas durante a infância apresentam frequentemente modelos representacionais inseguros, principalmente na idade adulta, o que resulta em relacionamentos íntimos problemáticos, ou seja, uma forte probabilidade de serem vítimas ou perpetradores de maus tratos (Wekerle & Wolfe, 1998 as cited in Paiva & Figueiredo, 2003).

## **Conclusões**

A violência nas relações amorosas é um problema mundial, que afeta adolescentes e adultos, sendo muitas vezes ocultada devido à vergonha, ao medo da humilhação, da exclusão, dos valores e moral que sustentam a nossa sociedade.

A presença deste fenómeno entre as gerações mais jovens merece uma maior atenção, pois está demonstrado que a violência nas relações amorosas juvenis é tida como um importante preditor da violência conjugal (Hamby, 1998).

A nossa preocupação pela violência entre casais alterou-se, estendendo-se da violência entre pessoas adultas para casais cada vez mais jovens, universitários e, por fim, como é o caso desta investigação, adolescentes.

A violência entre casais adultos muitas vezes só é detetada quando a vítima é morta ou a dor se torna absolutamente insuportável. No caso das relações afetivas adolescentes o panorama é semelhante na medida que o silêncio é a sua característica, mas diferente, pois o grupo

de amigos toma conhecimento mas não sabe como agir, ou na pior das hipóteses “acham graça”. Ou ainda, porque a agressão é mútua, ambos são vítimas e ambos são agressores, resguardando o comportamento um do outro.

Foi seguindo esta linha de conhecimentos que, ao longo do presente estudo procurou-se reconhecer o tipo de violência mais presente nas relações de namoro adolescente, o sexo mais afetado e a associação entre a percepção da relação entre os pais e a percepção da relação entre eles e o envolvimento em relações de namoro violentas.

Os resultados da investigação sugerem que a agressão psicológica é o tipo de violência no namoro mais reportado pelos adolescentes, obtendo-se resultados estatisticamente significativos para a nossa amostra.

Os resultados não significativos que obtivemos sobre a influência do sexo, indicam-nos que no fenómeno da violência afetiva adolescente, tanto rapazes com meninas são vítimas e agressores.

As investigações têm demonstrado que a transmissão intergeracional da violência afetiva é uma das principais causas para este fenómeno. Ou seja, uma criança desenvolve-se em função de experiências e comportamentos que visualiza e assimila, como tal, se os seus pais possuem uma relação de violência é dessa forma que a criança poderá aprender a responder (sendo vítima ou agressora) aos obstáculos das suas futuras relações afetivas. No entanto, os nossos resultados não revelaram dados estatisticamente significativos entre a violência no namoro adolescente e, quer a percepção que o adolescente tem da relação dos seus pais, quer a percepção que o adolescente tem da relação entre eles e os seus pais.

Algumas limitações do presente estudo necessitam ser consideradas. Salientamos a impossibilidade de responder às pretensões previamente estabelecidas quanto à idade e ao tipo de estudo a desenvolver. Inicialmente haveria sido pensado um intervalo de idades entre os 13 e os 16 anos, contudo, tendo em conta a dificuldade em obter o consentimento tanto por parte da escola, como dos pais, aumentar ligeiramente a faixa etária demonstrou-se uma opção mais viável.

Tendo em conta a susceptibilidade do assunto e a necessidade de um consentimento informado para o avanço da investigação, das escolas inquiridas, apenas uma se mostrou disposta a colaborar.

Teria sido igualmente uma importante contribuição, para compreender a influência na transmissão intergeracional da violência afetiva, realizar uma melhor exploração e percepção da situação afetiva familiar, assim como dos valores defendidos pelos pais e transmitidos aos filhos.

Desta forma, as limitações deste estudo, assim como os resultados obtidos são uma proposta para incentivar futuras investigações na área da violência no namoro adolescente, salientando-se os aspetos já referidos, e ainda: analisar adolescentes mais novos e a aplicação de novas metodologias de investigação. Por um lado, abordar a natureza

longitudinal da investigação, com o intuito de avaliar se as especificidades inerentes à herança vinculativa dos adolescentes se transformam, tendo em conta o seu desenvolvimento e experiências ou circunstâncias de vida particulares.

Por outro, beneficiar a utilização de metodologias qualitativas, pois apesar de envolverem a necessidade de despender mais tempo na sua concretização, as possíveis conclusões desvendam áreas ou elementos que os inquiridos não atingem ou inibem devido ao seu cariz interrogatório.

É urgente delinear mais e melhores ações preventivas que facilitem à população juvenil reconhecer estas condutas abusivas, sendo capazes de contrariar os valores e conceitos culturais que ainda as sustentam.

É fundamental que os programas de prevenção alarguem o seu leque de objetivos e destinatários, centrando o alvo tanto nos rapazes como nas raparigas, na perspectiva de que podem ser vítimas, agressores ou testemunhas da violência dos seus amigos. E investir na formação de outros elementos da sociedade, pais, professores, educadores, profissionais de saúde, dirigentes escolares, entre outros.

## Referências Bibliográficas

- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. **Psicologia: Teoria e Prática**, 6(1), 105-120.
- Allen, C. & Kaura, S. (2003). Dissatisfaction with relationships power and dating violence perpetration by men and women. **Journal of Interpersonal Violence**, 19, 576-588.
- Almeida, T. (2009). **A violência no namoro**. Artigonal. Retrieved from [www.artigonal.com](http://www.artigonal.com).
- Arriaga, X., & Oskamp, S. (1999). The nature, correlates, and consequences of violence in intimate relationships. In X. Arriaga & S. Oskamp (Eds.), **Violence in intimate relationships** (pp. 3-16). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Ashley, O. S., & Foshee, V. A. (2005). Adolescent help-seeking for dating violence: Prevalence, sociodemographic correlates, and sources of help. **Journal of Adolescent Health**, 36, 25-31.
- Berry, D. (2000). **The domestic violence sourcebook**. Illinois: Lowell House.
- Campbell, J., Fredland, N., Glass, N., Kub, J., Sharps, P. & Yonas, M. (2003). Adolescent dating violence: Prevalence, risk factors, health outcomes and implications for clinical practice. **JOGNN Clinical Issues**, 32, 227-238.

- Capaldi, D. M., Kim, H. K., & Shortt, J. W. (2007). Observed initiation and reciprocity of physical aggression in young, at-risk couples. **Journal of Family Violence**, 22, 101-111.
- Caridade, S. & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: relevância da prevenção. **Psicologia**, 22(3), 77-104.
- Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. **Análise Psicológica**, 4 (XXIV), 485-493.
- Cedrés, J.M. & Méndez, R.G (2000). Correlatos cognitivos asociados a la experiencia de violencia interparental. **Psicothema**, 12, 1, 41-48.
- Chan, M., Straus, M., Brownridge, D., Twari, A. & Leung, W. (2008). Prevalence of dating partner violence and suicidal ideation among male and female University Students Worldwide. **Journal of Midwifery & Women's Health**, 53, 529-537.
- Coelho, A. (2006). **Educação/Jornalismo Porto net**. Retrieved from <http://jpn.icicom.up.pt>.
- Connolly, J., Craig, W., Goldberg, A. & Pepler, D. (2004). Mixed-gender groups, dating and romantic relationships in early adolescence. **Journal of Research Adolescence**, 14(2), 185-207.
- Dias, I. (2000). **A violência doméstica em Portugal: contributos para a sua visibilidade**. Atas do IV Congresso Português de Sociologia. Retrieved from [www.aps.pt](http://www.aps.pt).
- Fathalla, M. (2005). When home is no longer safe: intimate-partner violence. **The Lancet**, 366 (9501), 1910-1911. doi:10.1016/S0140-6736(05)67769-0
- Fernández-Fuertes, A. & Fuertes, A. (2010). Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: motives and consequences. **Child Abuse & Neglect**, 34(3), 183-91.
- Ferreira, W. & Pimentel, A. (2008). **Violência psicológica: as (in) visíveis sequelas, no enfoque da Gestalt-terapia**. Retrieved from [www.fazendogenero8.ufsc.br](http://www.fazendogenero8.ufsc.br).
- Foshee, V., Bauman, K., Arriaga, X., Helms, R., Koch, G. & Linder, G. (1998). An evaluation of safe dates, an adolescents dating violence prevention program. **American Journal of Public Health**, 88(1), 45-50.
- Guerrero, R. (2008). Qué sirve en la prevención de la violencia juvenil?. **Salud Pública de México**, 50(1), 586-592.
- Hamby, S. (1998). Partner violence. Preventive and intervention. In J. Jasinsky & L. Williams. **Partner violence – A comprehensive review of 20 years research** (pp. 211-260). Thousand Oaks: Sage.
- Hazan, C. & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. **Journal of Personality and Social Psychology**, 52(3), 511-524.

- Howard, D. & Wang, M. (2003). Risk profiles of adolescent girls who were victims of dating violence. **Adolescence**, 38(149), 1-14.
- Jain, S., Buka, S., Subramanian, S., & Molnar, B. (2010). Neighborhood predictors of dating violence victimization and perpetration in young adulthood: A multilevel study. **American Journal of Public Health**, 100(9), 1737-1744. doi: 10.2105/AJPH.2009.169730
- Kernsmith, P. D. & Tolman, R. M. (2011). Attitudinal correlates of girls' use of violence in teen dating relationships. **Violence Against Women**, 17(4), 500-516.
- Kernsmith, P. D. (2006). Gender differences in the impact of family of origin violence on perpetrators of domestic violence. **Journal of Family Violence**, 21(2), 163-171.
- Kronbauer, J. & Meneghel, S. (2005). Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. **Revista Saúde Pública**, 39(5), 695-701.
- Mahoney, P., West, C. & Williams, L. (2001). Violence against women by intimate relationship partners. In R. Bergen, J. Edleson & C. Renzetti. **Sourcebook on violence against women** (pp.143-178). Thousand Oaks: Sage.
- Matos, M. (2000). **Violência conjugal: O processo de construção da identidade da mulher**. (Dissertação de mestrado, não publicada), Universidade do Minho, Braga.
- Moffitt, T. E., & Caspi, A. (2002). Como prevenir a continuidade intergeracional do comportamento antissocial: Implicações da violência entre companheiros. In A. C. Fonseca (Ed.), **Comportamento antissocial e família** (pp. 373-396). Coimbra: Almedina.
- Muñoz-Rivas, M.J., Graña, J.L., O'Leary, K. & González. M.P. (2007). Aggression in adolescent dating relationships: Prevalence, justification and health consequences. **Journal of Adolescent Health**, 40, 298-304.
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. **Psicologia, Saúde & Doenças**, 4 (2), 165-184.
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. **Psicologia**, 36, 75-107.
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, 5(2), 243-272.
- Price, L.E., & Byers, S.E. (1999). The attitudes toward Dating Violence Scales: Development and initial validation. **Journal of Family Violence**, 14(4), 351-375.

- Raiford, J., Wingood, G. & Diclemente, R. (2007). Prevalence, incidence, and predictors of dating violence: a longitudinal study of African American female adolescents. **Journal of Women's Health**, 16(6), 822-832.
- Straus, M. (2007). **Prevalence and effects of mutuality in physical and psychological aggression against dating partners by university students in 32 nations**. Paper presented at the meeting of the International Family Aggression Society, Lancashire, England.
- Straus, M. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. **Violence Against Women**, 10, 790-811.
- Straus, M. (2008). Dominance and symmetry in partner violence by male and female university students in 32 nations. **Children and Youth Services Review**, 30, 252-275. doi:10.1016/j.childyouth.2007.10.004
- Swinford, S. , DeMaris, A., Cernkovich, S., & Giordano, P. (2000). Harsh physical discipline in childhood and violence in later romantic involvements: The mediating role of problem behaviors. **Journal of Marriage and the Family**, 62, 508-519.
- Taquette, S., Ruzany, M., Meirelles, Z. & Ricardo, I. (2003). Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. **Cadernos de Saúde Pública**, 19(5), 1437-1444.
- Wilson, K. (1997). **When violence begins at home**. CA: Hunter House Publishers.
- Verissimo, M. & Salvaterra, F. (2006). O modelo interno dinâmico da mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos num grupo de crianças adotadas. **Psicologia**, 20(1), 37-5
- Wolf, K. & Foshee, V. (2003). Family violence, anger expression styles, and adolescent dating violence. **Journal of Family Violence**, 18(6), 309-316.

## **Violência Sexual nas Relações Amorosas Ocasionais em Jovens Portugueses Universitários**

*Sexual Violence in Casual Relationships among Portuguese College Students*

Marisalva Fávero<sup>13</sup>

Fátima Ferreira<sup>14</sup>

Joana Silva<sup>15</sup>

Amaia Del Campo<sup>16</sup>

### **Resumo**

As relações afetivas episódicas ou ocasionais representam um fenómeno relativamente recente, e cada vez mais comum, implicando a necessidade de responder algumas questões inerentes à sua dinâmica. Estas relações caracterizam-se por serem passageiras e superficiais, não implicando compromisso, fidelidade, exclusividade e envolvimento emocional profundo, podendo ocorrer num único episódio ou durante um período de semanas ou meses. A partir da evolução destes comportamentos relacionados com a intimidade, com a afetividade e com a sexualidade, emerge também um grande risco de coações com os/as parceiros/as escolhidos para a partilha de experiências amorosas. O presente estudo pretendeu caracterizar a violência sexual nos relacionamentos amorosos esporádicos de jovens portugueses/as universitários/as, de idades entre os 18 e os 25 anos, avaliando as agressões sofridas e provocadas. Os resultados alcançados demonstram que um número importante de jovens é perpetrador e vítima de violência sexual nas relações ocasionais chamando-nos a atenção para a necessidade de atentar a programas de intervenção e educação relativamente a esta temática.

**Palavra-chave:** Violência sexual; Relações Amorosas Ocasionais; Jovens universitários.

### **Abstract**

---

<sup>13</sup> Psicóloga e Sexóloga, Psicodramatista, Professora Universitária no Instituto Superior da Maia; Investigadora na UNIDEP/Maia e CINEICC/Coimbra/Portugal

<sup>14</sup> Psicóloga/Doutoranda em Psicologia da Justiça na Universidade do Minho; Investigadora na UNIDEP/Maia e CINEICC/Coimbra/Portugal

<sup>15</sup> Mestranda em Psicologia Escolar e da Educação no ISMAI

<sup>16</sup> Psicóloga/Docente Universitária na Universidade de Salamanca; Investigadora na UNIDEP/Maia e CINEICC/Coimbra/Portugal

Endereço para correspondência: mfavero@ismai.pt

Casual dating is a relatively recent and even more frequent phenomenon that implies the necessity to answer some questions about its dynamic. These types of relationships characterize themselves mainly by being temporary, superficial, with no commitment, fidelity, and exclusivity or profound emotional involvement implied, and it can be just one encounter or last for weeks or months. This intimacy, affective and sexual behaviors evolution also raises a great risk of coercion by the chosen partners to the affective sharing experience. The present investigation aimed to characterize sexual violence on casual relationships amongst Portuguese students from 18 to 25 years old, by evaluating suffered and provoked aggressions. Achieved results reveal that an important number of youngsters is, simultaneously, victim and aggressor, revealing the necessity to develop programs that aim education and intervention in this area.

**Keywords:** Violence; Casual dating; College students

### **Introdução<sup>17</sup>**

O tipo de relacionamento mais expressivo dos adolescentes e jovens na atualidade, embora também esteja presente em outras faixas etárias, é a relação amorosa ocasional, popularmente conhecida como "curtir" em Portugal (Fávero et al., 2007), "ficar" no Brasil (Justo, 2005; Minayo, Assis & Njaine, 2011), "rollo" em Espanha (Garcia-Vega, Menendez, Fernandez, & Cuesta, 2012), e "hookup" (England, Shafer, & Fogarty, 2007; Fielder & Carey, 2010; Luke, 2009) ou "friends with benefits", (Hughes, Morrison, & Asada, 2005; Lambert, Kahn, & Apple, 2003), nos países anglo-saxões.

Uma percentagem elevada de jovens e adultos jovens afirma ter vivido pelo menos uma experiência de curtir (Fielder & Carey, 2010; Fisher, Worth, Garcia, & Meredith, 2012; Garcia & Reiber, 2008).

No nosso estudo anterior, o primeiro realizado em Portugal (Fávero et al, 2007), identificamos que 63,8% dos adolescentes tiveram pelo menos uma relação casual, e alguns deles, pelo menos uma vez por semana. Dados semelhantes foram encontrados por England e colaboradores (2007), que identificaram 75% de jovens que tiveram, pelo menos uma vez, uma relação casual. No seu estudo transcultural, Connolly, Nocentini, Menesini, Pepler, Craig e Williams (2010), realizado com jovens canadenses e italianos, encontraram valores mais baixos (46%), não se verificando diferenças entre os países. As experiências de curtir são episódicas, esporádicas, ocasionais, passageiras e superficiais, não implicando compromisso, fidelidade, exclusividade e envolvimento emocional profundo (Andrade, & Fávero, 2004; Fávero, et al, 2007; Justo,

---

<sup>17</sup>Para uma maior fluidez da leitura optamos por excluir as denominações genéricas (os/as) entendendo-se incluídos todos os gêneros.

2005). O ritual de aproximação para o estabelecimento deste tipo de relações pode ser através de trocas de olhares e conversas, que podem ocorrer em bares, discotecas, centros comerciais, etc. Estes rituais de sedução podem ocorrer num único episódio com a duração de algumas horas, a duração do encontro, ou durante um período de semanas ou mesmo meses (Fávero, et al, 2007; Silva, 2001). O envolvimento afetivo casual pode ocorrer entre duas pessoas estranhas ou conhecidas, em locais públicos (bares, discotecas...) ou privados, sem a expectativa de interações posteriores, que pode incluir comportamentos desde abraços, troca de beijos, manifestações de carinhos, até relações sexuais (Luke, 2009).

Antes, durante e após a vivência de um envolvimento afetivo casual podem-se experienciar sentimentos e pensamentos inesperados, contraditórios ou ambivalentes, que se podem traduzir em bem-estar e satisfação pessoal, mas também em questionamentos, indecisões, frustrações, rejeição, decepção, constrangimento, tristeza, medo e vergonha. Porém, as sensações após uma relação amorosa esporádica geralmente são positivas (Fávero, et al., 2007).

A partir da evolução destes comportamentos relacionados com a intimidade, com a afetividade e com a sexualidade, emerge também um grande risco de coações (Caridade & Machado, 2006; Hickman, Jaycox, & Aronoff, 2004; Straus, 2010, 2011).

O interesse por avaliar a violência nas relações amorosas ocasionais, de curtir ou ficar, surgiu da constatação dos estudos sobre violência nas relações conjugais de que violência conjugal era, na maioria dos casos, um *continuum* das experiências de violência nas relações de namoro (Lichter & McCloskey, 2004; Oliveira & Sani, 2009). Tais descobertas despertaram o interesse da comunidade científica em desvelar o fenómeno da violência nas relações de namoro. Apesar das críticas recebidas, principalmente no que refere à metodologia utilizada, que Anderson (2005) refere como tendo-se baseado numa abordagem empiricista, estes estudos trouxeram dados surpreendentes, por exemplo, relacionados com a simetria dos protagonistas, que tanto são vítimas como perpetradores (Arriaga & Foshee, 2004; Eckhardt, & Jamison, 2002; Fernandez-Fuertes & Fuertes, 2010; Kaura, & Lohman, 2009; Minayo et al., 2011; Rey-Anacona et al., 2010; Ruiz, Expósito & Bonache, 2010; Tanha, Beck, Figueredo & Raghavan, 2010; Straus, 2010; White, 2009). No estudo de Jain, Buka, Subramanian e Molnar (2010) demonstrou-se que mais de 75% dos jovens, vítimas de violência, foram também perpetradores.

A violência nas relações amorosas pode incluir episódios de abusos físicos, psicológicos, emocionais, sexuais, económicos e/ou negligência (Banyard, & Cross, 2008; Herrman, 2009; Howard, Wang & Yang, 2007; O'Keefe, 2005; Rey-Anacona, Mateus-Cubides, & Bayona-Arévalo, 2010; Straus, 2004).

Alguns destes estudos revelaram que a violência se verificava nas primeiras experiências dos adolescentes, ou seja, nas relações casuais, sem compromisso. No entanto, os dados de que dispomos são escassos e poucos estudos têm-se debruçado sobre o fenómeno da violência nas relações ocasionais (Ortega, Rivera & Sánchez, 2008). Mas raros, ainda, são os estudos sobre a violência sexual, perpetrada e sofrida entre os jovens, nas suas relações casuais.

Além de se verificar que nas relações de namoro as diferenças entre os sexos se verifica apenas na violência sexual, sendo que os homens cometem com mais frequência este tipo de violência (Romito & Grassi, 2007), outras diferenças foram observadas entre a violência nas relações de namoro e a violência nas relações ocasionais. De uma maneira geral, a violência é mais frequente entre os jovens que mantêm uma relação de compromisso (Ortega et al., 2008), sendo a vitimização sexual mais frequente nas relações casuais dos adolescentes e a violência psicológica mais frequente nas relações de compromisso (Sherer, 2009; Luke, 2009).

A vivência de violência em relações íntimas acarreta sérias consequências para a vítima, para o abusador e para aquele que testemunhou o incidente. Além das possíveis consequências a nível físico (Elklit & Shevlin, 2010; Teten, Ball, Valle, Noonan, & Rosenbluth, 2009), a violência pode causar a deterioração da relação e ter um grande impacto na autoestima e na saúde mental das vítimas, contribuindo para o surgimento de perturbações mentais, como é o caso da depressão, das crises de ansiedade e dos transtornos somatoformes. O abandono escolar, DST ou gravidezes indesejadas podem também ser consequências associadas (Banyard, & Cross, 2008; Klem et al., 2009; Kaura, & Lohman, 2009). Tanto as vítimas como os agressores jovens podem integrar no seu autoconceito crenças e valores desajustados, definindo através deles a sua identidade adulta, continuando assim, a viver relações abusivas ao longo de toda a sua vida (Banyard, & Cross, 2008; Edwards, & Cobia 2009; Klem, Owens, Ross, Edwards, & Cobia, 2009; Kaura, & Lohman, 2009).

## **Método**

Este estudo integra duas investigações mais amplas: “Amor e (des)compromisso: relações afetivo-sexuais casuais e ciclo vital” e “Violência nas relações amorosas”.

No presente trabalho pretendemos apresentar um recorte destas investigações, mais precisamente a violência sexual nas relações ocasionais entre jovens universitários. Neste sentido, pretendemos caracterizar a violência nos relacionamentos amorosos esporádicos de jovens portugueses universitários, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, identificando prevalência de vítimas e de agressores, características dos abusos, das vítimas e dos agressores, duração da

relação e da violência, consequências físicas e psicológicas, a curto e a longo prazo, revelação e queixa.

A nível nacional pouco se conhece acerca da dimensão e das características da violência sexual nas relações de intimidade entre jovens, especificamente, em relacionamentos afetivos esporádicos, por isso é essencial o estudo científico desta problemática, uma vez que o período de vida da adolescência é conhecido pelas várias experiências relacionais, em que a identidade sexual e de género são as que mais se realçam.

A preocupação social e científica com a violência exercida em relações íntimas, além dos estudos sobre a violência conjugal, já anteriormente iniciados, tem crescido ao longo dos anos. Em Portugal, desde o início dos anos 90, verificou-se uma maior consciencialização sobre a gravidade desta problemática e, provavelmente, devido à grande atenção dada às situações de violência em relações maritais, as investigações sobre a violência em relações afetivas em jovens são escassas (Caridade, 2008; Caridade, & Machado, 2006; Hickman et al., 2004), sendo ainda menos comum a investigação sobre a violência nas relações ocasionais e quase inexistentes os estudos sobre a violência sexual nestes contextos.

Neste sentido, este estudo pretende ver respondidas duas questões de investigação: a)Quais as características das relações amorosas esporádicas em estudantes universitários portugueses? e b)Quais as características da violência sexual nas relações afetivas casuais em estudantes universitários portugueses?

### **Amostra**

A metodologia de amostragem utilizada foi de conveniência, não existindo nenhum processo prévio de recolha da amostra.

Participaram 126 estudantes universitários, de nacionalidade portuguesa, de vários estabelecimentos de ensino superior, residentes em Portugal, 36 homens e 90 mulheres, com a média de idade de 22,87 (range=18-25 anos). A maioria possui nível sócio-económico médio-alto (83,3%). No que toca à posição face à sexualidade, num continuum entre nada liberal e muito liberal, a maior parte da amostra situa-se como Liberal (41,2%), Bastante liberal (23%) e Muito liberal (23%).

### **Procedimentos**

Os questionários foram obtidos após prévia autorização das respectivas direções das instituições de ensino superior contactadas e após assinado o consentimento informados pelos alunos. Foi deixado um contato das investigadoras para o caso de algum dos jovens necessitar falar.

Após a recolha dos dados os mesmos foram tratados através do programa estatístico SPSS (Statistical Package for Social Sciences), versão 19.

### **Instrumentos**

1. Questionário Sociodemográfico: O questionário sociodemográfico tem a finalidade de obter informações gerais relativas às pessoas inquiridas e é composto por 7 questões fechadas (a idade, escolaridade, sexo, profissão, estado civil, religião e nível socioeconómico).
2. CTR (Fávero, Cardoso & Andrade, 2004): O CTR consiste num conjunto de 34 questões que permitem o conhecimento de vários aspectos das relações afetivas ocasionais. É possível entenderem-se as opiniões, as preferências, as expectativas, os desejos, as vivências, os comportamentos, os sentimentos e as consequências das experiências afetivas ocasionais. Trata-se de um questionário de múltipla escolha (29 questões), de verdadeiras ou falsas e de respostas diretas.
3. Questionário sobre Violência nas Relações Amorosas Ocasionais (elaborado para este estudo): O presente instrumento de avaliação foi adaptado e ampliado, resultando do mesmo, três temáticas: i) crenças face à violência nas relações de intimidade (9 questões, das quais 6 de escolha múltipla e 3 de resposta direta), ii) vitimação em contexto de relações ocasionais (21 questões, 18 de escolha múltipla e 3 de resposta direta, iii) a perpetração de violência em contexto de relações ocasionais (9 questões, sendo 1 de resposta direta e as restantes de escolha múltipla).

### **Apresentação e discussão dos resultados**

Os resultados do nosso estudo indicam que 84% dos jovens tiveram pelo menos uma relação ocasional, de "curtir". Entre os que não tiveram nenhuma experiência afetiva ocasional, 30% informaram que não se envolveram em relações ocasionais porque não se proporcionou e 70% porque não aprovam este comportamento.

#### *Os jovens enquanto perpetradores de violência sexual nas relações ocasionais (n:106)*

Do total que respondeu a esta pergunta (n: 106), 17,9% afirmaram ter forçado algum tipo de comportamento sexual no âmbito das relações ocasionais. Destes, 10% são homens e 7% mulheres, não se verificando diferenças significativas entre os sexos. As estratégias utilizadas para agredir o seu parceiro foram a violência física ou ameaça em 5,3% dos casos e o engano (10,5%), abuso da confiança (36,8%) e surpresa (36,8%) nos restantes. No que toca à avaliação da experiência de perpetração de violência sexual, 47,4% não avaliam o acontecimento como importante, enquanto 36,8% atribuíram alguma (36,8%) ou bastante importância (15,8%). Setenta e nove por cento dos agressores

não revelaram a ninguém/nunca. Como se pode ver na Tabela 1 os comportamentos sexuais forçados vão desde andar de mãos dadas até às relações coitais e anais.

Tabela 1: Tipo de abuso perpetrado

<b>Em algumas das situações de "curtir" forçou ou obteve sem o consentimento de outra pessoa algum dos comportamentos abaixo?</b>	<b>%</b>
Andar de mãos dadas ou abraçados/as	2
Um beijo leve, casual, nos lábios	4
Contato corporal com abraço e beijo prolongado (nos lábios e língua)	2
Carícias ou beijos nos seios	1
Carícias nos órgãos genitais	1
Masturbação mútua sem sexo oral/genital/anal	5
Tentativa de sexo oral	5
Sexo oral	5
Tentativa de relações sexuais coitais	1
Relações sexuais coitais	5
Tentativa de coito anal	4
Relações sexuais anais	4

*Os jovens enquanto vítimas de violência sexual nas relações ocasionais (n: 106)*

Os nossos resultados permitem verificar que 17,5% dos jovens foram vítimas de violência nas relações afetivas sem compromisso, o curtir, sendo que predominam as jovens (23%), contra 2,7% de homens. Por sua vez, em 95,5% dos casos o agressor é homem. Chamam-nos a atenção que as vítimas referem mais estratégias físicas utilizadas pelo seu agressor do que as reveladas pelo grupo de perpetradores, visto que 27% das vítimas referem que os seus agressores recorreram à violência física ou ameaça; outro terço dos jovens (27%) refere o engano e a surpresa (31,8%), enquanto a maioria refere abuso de confiança (63%). Contrariando o expectável, tendo em conta que se trata de uma experiência pautada pelo silêncio (Fávero, 2003; Perrone & Naninni, 2001), a maioria revelou a experiência (63,6%). O amigo teve maior expressão (54,6%), seguido da mãe (4,5%) e do técnico de educação ou saúde (4,5%). Um dado importante para a avaliação da gravidade da experiência é a duração e a frequência deste tipo de violência (Fávero, 2003). Os nossos dados revelam que em 22,7% dos casos a violência repetiu-se entre 3 e 10 vezes e destas, 9% ocorreram entre 1 e 2 anos. No que toca à importância dada pelas vítimas, 63,6% refere a experiência como algo ou bastante importante. Como era de se esperar, dadas as características das relações ocasionais dos jovens, 86,2% das

experiências de violência ocorreram em locais públicos. Pode-se verificar na Tabela 2 que as vítimas sofreram vários tipos de violência sexual.

Tabela 2: Tipo de abuso sofrido

<b>Indique do/os comportamento/os abaixo qual/quais foi forçado/a a experimentar em algumas das situações de "curtir".</b>	<b>%</b>
<b>Andar de mãos dadas ou abraçados/as</b>	10
<b>Um beijo leve, casual, nos lábios</b>	9,
<b>Contato corporal com abraço e beijo prolongado (nos lábios e língua)</b>	22
<b>Carícias ou beijos nos seios</b>	27
<b>Carícias nos órgãos genitais</b>	27
<b>Abraçar-se de forma a toque órgãos genitais, sem tirar a roupa (a dançar, em público, na praia, etc.).</b>	4,
<b>Masturbação mútua sem sexo oral/genital/anal</b>	9,
<b>Tentativa de sexo oral</b>	9,
<b>Sexo oral</b>	4,
<b>Tentativa de relações sexuais coitais</b>	40
<b>Relações sexuais coitais</b>	18
<b>Tentativa de coito anal</b>	4,
<b>Relações sexuais anais</b>	4,

Foi pedido aos participantes que indicassem as consequências ou problemas que os mesmos relacionam com o fato de terem sido vítimas de violências nas relações ocasionais e verificamos que a maior parte apresentou algum problema que relacionam com a experiência de vitimação. No que toca aos sentimentos, os jovens referiram a vergonha (18,2%), culpa (13,6%), medo (59,1%), nojo (40,9%), marginalização (4,5%), desconfiança (54,5%), hostilidade/agressor (59,1%), hostilidade/outras pessoas (4,5%), ansiedade/angústia (31,8%), menos valia (18,2%). Referiram, ainda, danos físicos nos genitais (13,6%) e noutras partes do corpo (4,5%). Os nossos dados são consistentes com os verificados em estudos internacionais sobre a violência nas relações amorosas (Banyard, & Cross, 2008; Elklit & Shevlin, 2010).

### **Reflexões finais**

Este estudo integra duas investigações mais amplas, "Amor e (des)compromisso: relações afetivo-sexuais casuais e ciclo vital" e "Violência nas relações amorosas".

O recorte que aqui se apresenta pretendia analisar as características das relações amorosas esporádicas, bem como as características da violência sexual nas relações afetivas casuais em estudantes universitários portugueses.

Os resultados permitem-nos concluir que a maior parte dos jovens, sem diferenças entre os sexos, envolveu-se pelo menos uma vez em uma relação ocasional. Por outro lado, verificamos que um número importante de jovens é perpetrador e vítima de violência sexual nas relações ocasionais, chamando-nos a atenção para o fato de que as consequências reveladas a curto e a longo prazo são semelhantes às referidas nos estudos sobre violência sexual e sobre violência nas relações de compromisso (Fernandez-Fuertes & Fuertes, 2010; Luke, 2009; Minayo et al., 2011; Straus, 2004; Teten et al., 2009).

No que toca à agressão perpetrada, é de salientar a não existência de diferenças significativas entre rapazes e raparigas, dados mais uma vez semelhantes aos observados nas investigações sobre a violência nas relações afetivas de compromisso. De salientar, no entanto, que, de acordo com o que era esperado, tendo em conta os dados revelados por outros estudos, a violência sexual apresenta-se como um fenómeno de vitimação para as mulheres e de agressão para os homens (Romito & Grassi, 2007).

Apesar do elevado número de vítimas que revelou a experiência para amigos ou familiares, outro dado importante do nosso estudo é a constatação de que a vitimação sexual no contexto das relações amorosas configura-se, ainda, como um fenómeno de silêncio. Embora 99,2% dos jovens fossem da opinião de que se deve denunciar a vitimação sexual à polícia, nenhuma das vítimas o fez.

As conclusões deste estudo alertam-nos para a importância da realização de programas de prevenção e da continuidade de estudos que dêem visibilidade e audibilidade às vítimas de todo tipo de violência nas relações de intimidade. Também nos alertam para a necessidade de, nos programas de prevenção, vislumbrarmos os adolescentes e jovens como possíveis vítimas, agressores ou testemunhas de amigos que são vítimas ou perpetradores. Note-se que a maioria dos jovens do nosso estudo, vítimas de violência nas relações ocasionais, revelou a experiência a um amigo ou amiga.

## Referências

- Anderson, K. L. (2005). Theorizing gender in intimate partner violence research. **Sex Roles**, 52, 853-865.
- Andrade, A. & Fávero, M. (2004). **Curtir: abordagem psicossocial dos comportamentos sexuais ocasionais em estudantes universitários.** (Trabalho de conclusão de graduação, não publicado), ISMAI, Maia.
- Arriaga, X. B., & Foshee, V. A. (2004). Adolescent dating violence: Do adolescents follow in their friends', or parents' footsteps? **Journal of Interpersonal Violence**, 19, 162-174.
- Banyard, L., & Cross, C. (2008). Consequences of teen dating violence: Understanding intervening variables in ecological context.

- Violence Against Women**, 998(14), 998-1013. doi: 10.1177/1077801208322058
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. **Análise Psicológica**, 24(4), 485-493.
- Connolly, J., Nocentini, A., Menesini, E., Pepler, D., Craig, W. & Williams, T. (2010). Adolescent Dating Aggression in Canada and Italy: A Cross-National Comparison. **International Journal of Behavioral Development**, 34, 98-105.
- Eckhardt, C., & Jamison, T. (2002). Articulated thoughts of male dating violence perpetrators during anger arousal. **Cognitive Therapy and Research**, 26(3), 289-308.
- Elklit, A. & Shevlin, M. (2010). General practice utilization after sexual victimization: A case control study. **Violence Against Women**, 16, 280-290.
- England, P., Shafer, E. & Fogarty, A. (2007). Hooking up and forming romantic relationships on today's college campuses. In M. S. Kimmel & A. Aronson. **The gendered society reader**. (pp. 531-47). New York: Oxford University Press.
- Fávero, M. (2003). **A Sexualidade infantil e os abusos sexuais a menores**. Lisboa: Climepsi.
- Fávero, M., Cardoso, A., Andrade, A. & Himmel, D. (2007). **Hooking up: the nature and characteristics of casual sex in adolescents and college students**. Poster presented at the XVII Congresso Mundial da Associação Internacional de Sexologia (WAS), Sydney, abril.
- Fernández-Fuertes, A. & Fuertes, A. (2010). Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: motives and consequences. **Child Abuse & Neglect**, 34(3), 183-91.
- Fielder, R. L., & Carey, M. P. (2010a). Prevalence and characteristics of sexual hookups among first-semester female college students. **Journal of Sex & Marital Therapy**, 36, 346 -359. doi:10.1080/0092623X.2010.488118
- Fisher, M. L., Worth, K., Garcia, J. R., & Meredith, T. (2012). Feelings of regret following uncommitted sexual encounters in Canadian university students. **Culture, Health & Sexuality**, 14, 45-57. doi:10.1080/13691058.2011.619579
- Garcia, J. R., & Reiber, C. (2008). Hook-up behavior: A biopsychosocial perspective. **The Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology**, 2, 192-208.
- Garcia-Vega, E., Menendez, E., Fernandez, P., Cuesta, M., (2012). Sexualidad, Anticoncepción y Conducta Sexual de Riesgo en Adolescentes. **International Journal of Psychological Research**, 5(1), 79-87

- Herrman, J. (2009). There's a fine line. Adolescent dating violence and prevention. **Pediatric Nursing**, 35(3), 164 -170. doi: 0147-5916/02/0600-0289/0
- Hickman, J., Jaycox, H., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: Prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness. **Trauma Violence**, 123(5), 123-142. doi: 10.1177/1524838003262332
- Howard, D., Wang, M., & Yang, F. (2007). Psychosocial factors associated with reports of physical dating violence Among U.S. adolescent females. **Adolescence**, 42(166), 311- 324.
- Hughes, M., Morrison, K. & Asada, K. (2005). What's love got to do with it?: Exploring the impact of maintenance rules, love attitudes, and network support on friends with benefits relationships. **Western Journal of Communication**, 69, 49-66.
- Jain, S., Buka, S., Subramanian, S., & Molnar, B. (2010). Neighborhood predictors of dating violence victimization and perpetration in young adulthood: A multilevel study. **American Journal of Public Health**, 100(9), 1737-1744. doi: 10.2105/AJPH.2009.169730
- Justo, J. (2005). O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso na contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia**, 17(1), 61-77.
- Kaura, S., & Lohman, B. (2009). Does acceptability of violence impact the relationship between satisfaction, victimization, and commitment levels in emerging adult dating relationships? **Journal of Family Violence**, 24, 349-359.
- Klem, J., Owens, A., Ross, A., Edwards, L., & Cobia, D. (2009). Dating violence: Counseling adolescent females from an existential perspective. **Journal of Humanistic Counseling, Educational and Development**, 48, 48-64.
- Lambert, T. A., Kahn, A. S., & Apple, K. J. (2003). Pluralistic ignorance and hooking up. **Journal of Sex Research**, 40, 129-133.
- Lichter, E. L. & McCloskey, L. A. (2004). The effects of childhood exposure to marital violence on adolescent gender-role beliefs and dating violence. **Psychology of Women Quarterly**, 28, 344-357.
- Luke, K. (2009). **Gender, heterosexuality, sexual violence and identity among heavy-drinking white and Asian-American college students**. Retrieved from ProQuest Digital Dissertations (AAT 3382277).
- Minayo, M., Assis, S. & Njaine, K. (2011). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- O'Keefe, M. (2005). Teen dating violence: A review of risk factors and prevention efforts. **National Electronic Network on Violence Against Women**, 1-13. Retrieved from

[http://www.unajauladeoro.com/cd/documentos/AR\\_TeenDatingViolence.pdf](http://www.unajauladeoro.com/cd/documentos/AR_TeenDatingViolence.pdf)

- Oliveira, M. & Sani, A. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro, **Revista da Faculdades de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa**, 6, 162 - 170.
- Ortega, R., Rivera, F., & Sánchez, V. (2008). Violencia sexual entre compañeros y violencia en parejas adolescentes. **International Journal of Psychology and Psychological Therapy**, 8(1), 63-72.
- Perrone, R. & Nannini, M. (2002). **Violencia y abusos sexuales en la familia – Un abordaje sistémico y comunicacional**. Buenos Aires: Paidós.
- Rey-Anacona, C., Mateus-Cubides, A., & Bayona-Arévalo, P. (2010). Malos tratos ejercidos por adolescentes durante el noviazgo: Diferencias por sexo. **Revista Mexicana de Psicología**, 27(2), 169-181.
- Romito, P., & Grassi, M. (2007). Does violence affect one gender more than the other? The mental health impact of violence among male and female university students. **Social Science & Medicine**, 65, 1222-1234.
- Ruiz, J., Expósito, F., & Bonache, H. (2010). Adolescent witnesses in cases of teen dating violence: An analysis of peers responses. **The European Journal of Psychology Applied to Legal Context**, 2(1), 37-53.
- Sherer, M. (2009). The nature and correlates of dating violence among Jewish and Arab youths in Israel. **Journal of Family Violence**, 24(1), 11-26.
- Silva, S. (2001). **A Relação amorosa no cotidiano do adolescente: Fragmentos e tramas de sedução** (Dissertação de Mestrado não publicada), UNICAMP, Campinas.
- Straus, M. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. **Violence Against Women**, 10, 790-811.
- Straus, M. (2010). Thirty years of denying the evidence on gender symmetry in partner violence: implications for prevention and treatment. **Partner Abuse**, 1(3):332-361.
- Straus, M. (2011). Gender symmetry and mutuality in perpetration of clinical-level partner violence: empirical evidence and implications for prevention and treatment. **Aggression and Violent Behavior**, 16, 279-288.
- Tanha, M., Beck, C. Figueredo, A., & Raghavan, C. (2010). Sex differences in intimate partner violence and the use of coercive control as a motivational factor for intimate partner violence. **Journal of Interpersonal Violence**, 25(10), 1836-1854. doi: 10.1177/0886260509354501

- Teten, A. L., Ball, B., Valle, L.A., Noonan, R. & Rosenbluth, B. (2009). Considerations for the definition, measurement, consequences, and prevention of dating violence victimization among adolescent girls. **Journal of Womens Health**, 18 (7) 923- 927
- White, J. (2009). A gendered approach to adolescent dating violence: Conceptual and methodological issues. **Psychology of Women Quarterly**, 15(1), 1-15. doi: 10.1111/j.1471-6402.2008.01467



Compreendendo as escolhas sexuais femininas: uma análise da validade da teoria evolucionista na explicação do critério sexual feminino

*Understanding the feminine sexual choice: analyzing the evolutionist theory validity in explaining the feminine sexual criteria*

**Fátima Ferreira**<sup>18</sup>  
**Marisalva Fávero**<sup>19</sup>

### **Resumo**

A presente investigação tem como principal objetivo proceder à análise da validade da teoria evolucionista na explicação da escolha feminina de um parceiro a curto e a longo prazo na atual realidade social portuguesa. Para tal, procedemos à aplicação de um questionário a cem mulheres da zona norte do país. Este questionário representa os construtos base desta teoria e os compara com outras perspectivas no que se reporta às características preferidas num parceiro a curto e a longo prazo. Os resultados alcançados revelam a falibilidade desta teoria na explicação da escolha de um parceiro sexual a curto prazo mas verificamos que, no que concerne a um parceiro a longo prazo, esta perspectiva adquire uma forte consistência.

**Palavras-chave:** Critério sexual feminino; Perspectiva evolucionista; Parceiro sexual

### **Abstract:**

In this investigation we aim to analyse the evolutionist theory validity in explaining the feminine sexual criteria in choosing a short and long term partner. For this purpose we have applied a questionnaire about preferred characteristics on these two kinds of partners to one hundred women from the north area of the country. This questionnaire represents the key constructs of this theory and compares them with other theories in what concerns the sexual partner selection. Achieved results revealed the misapplication of the evolutionist theory to the choice of a short term partner. Nevertheless, concerning long term partners it seems to have a strong consistency.

**Keywords:** Feminine sexual criteria; Evolutionary perspective; Sexual partner

---

<sup>18</sup> Psicóloga/Doutoranda em Psicologia da Justiça na Universidade do Minho/  
Investigadora na UNIDEP/CINEICC/ fatimaabreuferreira@hotmail.com

<sup>19</sup> Psicóloga/Docente Universitária no ISMAI/Investigadora na UNIDEP/CINEICC/  
mfavero@ismai.pt

## O Critério Sexual Feminino na Escolha de um parceiro - Teorias Explicativas<sup>20</sup>

Segundo Gilligan (1997), numa época em que são feitos esforços para exterminar a discriminação entre os sexos na procura de igualdade social e de justiça, as diferenças sexuais estão a ser redescobertas nas ciências sociais. Esta descoberta ocorre pelo facto de teorias, anteriormente consideradas cientificamente objetivas e sexualmente neutras, estarem agora a ser encaradas como um reflexo de preconceitos rígidos na observação e na avaliação.

É precisamente neste aspecto que reside o interesse da nossa investigação. Ao desenvolver uma pesquisa acerca do critério sexual feminino na escolha de um parceiro sexual, pretendemos proporcionar, no campo da sexualidade feminina, um quadro mais claro desta temática, que permita aos investigadores aprofundá-la, e que forneça às mulheres uma visão mais nítida da sua forma de pensar a sexualidade. No âmbito desta temática, a avaliação da teoria evolucionista, que tem como pressupostos básicos o carácter dependente (monetariamente, emocionalmente, socialmente, etc.) da mulher, torna-se de uma evidente importância.

De forma a aprofundar esta questão, achámos conveniente proceder à análise das diferenças no critério adotado na escolha de um parceiro a longo e a curto prazo, efetuando uma comparação entre os preceitos evolucionistas e os das restantes teorias que se esforçam por abranger este tema. Note-se que o termo "critério de seleção de um parceiro sexual" é uma adaptação nossa ao termo inglês "*mate selection*" (seleção de um/a parceiro/a) que, tal como afirma Surra (1990), refere-se não só às relações que terminam em compromisso, mas também às relações pré-maritais em geral. Com a utilização deste termo pretendemos referir-nos aos fatores que são tidos em conta quando é feita a escolha de um parceiro sexual.

A literatura foi revista no sentido de proporcionar uma visão acerca das investigações desenvolvidas neste âmbito. Assim, as principais teorias relativas ao referido tema, passam pela perspectiva neoanalítica de Chodorow, perspectiva da aprendizagem social, dos papéis sociais, do "*Script*", da troca de recursos e a "*marriage market theorie*"

A Perspectiva Neoanalítica de Chodorow, na sua componente analítica considera que a mulher é um ser relacional, pelo que está muito mais orientada para a qualidade da relação e intimidade emocional. Contudo, muito embora voltada para o homem enquanto objeto erótico, a mulher não encontra nele suficiente satisfação emocional pelo que deverá sentir-se confortável com a ideia de relações sexuais descomprometidas

---

<sup>20</sup> Neste trabalho consideramos "parceiro/a", uma pessoa homossexual ou heterossexual.

(sexo casual). Já a sua componente feminista postula que a mulher aprova o sexo apenas no contexto de uma relação séria e comprometida, tal como o casamento, na esperança de conquistar a sua segurança económica, e desaprova e tem menos probabilidades em ingressar em relações sexuais casuais (Chodorow, 1978, as cited in Hyde & Oliver, 2000).

De acordo com a Perspectiva da Aprendizagem Social a mulher tenderá a ter um menor número de parceiros sexuais do que o homem, tem uma atitude mais negativa relativamente ao sexo casual do que o sexo oposto e é menos permissiva a nível sexual pelo que, tenderá a ter menos probabilidades em ingressar em relações sexuais descomprometidas (Mischel, 1966, as cited in Hyde & Oliver, 2000).

No que respeita à Perspectiva dos Papéis Sociais, o sexo fora do casamento apenas acontece quando a mulher se depara com um novo amor ou envolvimento emocional sério; ela deverá ter menos parceiros sexuais antes do casamento do que o sexo oposto e tem uma atitude negativa em relação ao sexo casual pré-marital (e.g. Eagly, 1987; Eagly & Crowley, 1986, as cited in Hyde & Oliver, 2000).

De acordo com a Perspectiva do "Script", para a mulher, o significado da sexualidade está diretamente ligado à qualidade relacional pelo que, independentemente do tipo de relação, haverá uma tendência a escolher parceiros que se mostrem indícios de lhe garantir este fator (Gagnon & Simon, 1973, as cited in Hyde & Oliver, 2000).

Segundo a Perspectiva da Troca de Recursos as mulheres estão pouco dispostas para casar com alguém com baixos rendimentos e baixo nível educacional ou com um emprego instável. Além disso, não dão tanto valor a fatores como a juventude e atração física e demonstram preferência por homens agressivos e ambiciosos (Sprecher, 2001)

De uma forma geral, a "*Marriage Market Theorie*" define que as mulheres que se encontram numa posição menos privilegiada no mercado matrimonial tendem a ter um campo de eleição mais alargado, demonstrando uma grande disposição em casar com pessoas anteriormente casadas e com filhos. Por sua vez, aquelas mulheres com uma alta posição, com altos rendimentos e educação tendem a reduzir a disposição para casar com pessoas anteriormente casadas e com filhos e de um baixo estatuto social, bem como com pessoas com características não-normativas (Lichter, Anderson & Hayward, 1995)

Já de acordo com a psicologia evolutiva (e.g. Buss, 1998; Buss & Schmitt, 1993, as cited in Birnbaum & Laser-Brandt, 2002), as diferenças dos desejos sexuais, atitudes e comportamentos entre homens e mulheres resulta do facto destes possuírem diferentes níveis de investimento sexual e parental numa reprodução com sucesso. Deste modo, a Perspectiva Evolucionista define que para um parceiro a longo prazo a mulher tenderá a escolher aquele que obedece aos critérios de Riqueza, Estatuto Social, Beleza e Garantia de Tranquilidade, na medida em que estes são

indicadores de maior segurança na garantia da sua descendência (Andreae, 2004). Um homem rico asseguraria o futuro da sua descendência, pois possuiria recursos suficientes para suportar os gastos de uma família e fornecer-lhes tudo o que necessitam (Andreae, 2003). Um parceiro com um bom estatuto social seria, à partida, alguém com capacidades para adquirir bons recursos económicos futuramente, o que supriria o facto de, em quase todas as culturas, as mulheres raramente se poderem dar ao luxo de aguardar que um homem concretize todos os seus projetos antes de se unirem a ele tendo, por isso, que avaliar o seu poder de atração, em parte, pelas potencialidades ainda não concretizadas. Considerando que, atualmente, as mulheres já têm capacidade para adquirir os seus próprios recursos e serem completamente independentes, têm uma maior tendência a procurar os elementos mais bonitos do sexo oposto aumentando, assim, a probabilidade de passar os melhores genes à sua descendência (Sanderson, 2003). Os homens bonitos iriam transmitir à descendência daquelas com quem acasalassem, os aspectos favoráveis da sua aparência física (maxilares marcados, ombros largos, cabelo farta e um corpo saudável - indicadores genéticos de saúde e força), dando a essas crianças, em princípio, uma vantagem na disputa pelo sucesso reprodutivo (Dixson, Halliwell, East, Wignarajah & Anderson, 2003). Contudo, ainda que constitua realmente um factor de influência na escolha de um/a parceiro/a, a extensa bibliografia demonstra que, para as mulheres, o aspecto físico do sexo oposto parece ser menos importante do que fatores como o estatuto social e riqueza (Andreae, 2003). No entanto, apesar de todos os pressupostos definidos anteriormente existe um último que, segundo Andreae (2003) faz mais sentido do ponto de vista evolutivo: a garantia de tranquilidade. Para o autor, a atração por homens que vão permanecer a seu lado, ser fiéis e dedicar-se a proteger e alimentar a família em longo prazo é, em vários aspectos, a forma de atração mais proveitosa para as mulheres.

No que respeita à escolha de um parceiro em curto prazo, esta perspectiva postula que a escolha passa pela beleza física (Andreae, 2003) sendo que as relações estabelecidas antes do casamento constituem espaços de escolha de eventuais parceiros a longo prazo (Shackelford, Goetz, LaMunyon, Quintus, & Weekes - Shackelford, 2004).

Quadro 1 – Diferentes posições teóricas acerca da escolha sexual feminina de um parceiro sexual a curto e longo prazo

---

### **Posições Teóricas e os Pressupostos básicos acerca do critério sexual feminino**

#### **Perspectiva neoanalítica de Chodorow**

##### Componente analítica:

- A mulher é um ser relacional pelo que está muito mais orientada para a qualidade da relação e intimidade emocional;

Contudo,

- Muito embora voltada para o homem enquanto objecto erótico, a mulher não encontra nele suficiente satisfação emocional, pelo que deverá sentir-se confortável com as relações sexuais descomprometidas (sexo casual);

Componente feminista:

- A mulher aprova o sexo apenas no contexto de uma relação séria e compromete-se como o casamento, na esperança de ganhar a sua segurança económica;
- Desaprova e tem menos probabilidades de ingressar em relações sexuais casuais.

### **Perspectivas da aprendizagem social**

- A mulher tenderá a ter um menor número de parceiros sexuais do que o homem;
- A mulher tem uma atitude mais negativa no que respeita ao sexo casual do que o homem;
- A mulher é menos permissiva ao nível sexual do que o homem.

### **Perspectivas dos papéis sociais**

- O sexo fora do casamento apenas acontece quando a mulher se depara perante um amor ou envolvimento emocional sério;
- A mulher deverá ter menos parceiros sexuais antes do casamento do que o homem;
- A mulher tem uma atitude negativa em relação ao sexo casual pré-marital;
- Não existem diferenças entre géneros no que respeita ao sexo antes do casamento, desde que seja no contexto de uma relação como um noivado ou um compromisso sério.

### **Perspectiva do “Script”**

- Para a mulher, o significado da sexualidade está directamente relacionado com a qualidade da relação.

**Perspectiva Evolucionista**- Para um parceiro a longo prazo a mulher tende a escolher aquele que lhe oferece mais segurança na garantia da sua descendência, obedecendo essencialmente aos seguintes critérios:

**Riqueza** - Com o intuito de otimizar o seu sucesso reprodutivo, a mulher tende a procurar um parceiro que demonstre posse de recursos – indicador da capacidade de suportar os gastos de uma família.

**Estatuto Social** - De forma a otimizar o seu sucesso reprodutivo, a mulher demonstra preferência por parceiros que apresentem bons indicadores de uma aquisição provável de recursos – de forma a garantir o sustento da sua família. O elevado estatuto social de um potencial parceiro é um desses indicadores.

**Beleza** - A opção um parceiro com características físicas atractivas demonstra a preferência feminina de escolher o parceiro que melhores genes fornecerá à sua descendência. Os homens bonitos transmitem à descendência, os aspectos favoráveis da sua aparência. Dando a essas crianças, uma vantagem na disputa pelo sucesso reprodutivo.

**Garantia de Tranquilidade** – As mulheres terão tendência a escolher parceiros que possam permanecer a seu lado, ser fiéis e dedicar-se a proteger e alimentar a família.

- Para um parceiro a curto prazo, a escolha passa pela beleza física.

### **Perspectiva da Troca de Recursos**

- As mulheres estão pouco dispostas para casar com alguém com baixos rendimentos, baixo nível educacional ou com um emprego instável;
- Não dão tanto valor a fatores como a juventude e atracção física.
- Demonstram preferência por homens agressivos e ambiciosos.

### **“Marriage Market” Theorie**

- As mulheres mais velhas tendem a ter um campo de eleição mais alargado, demonstrando uma grande disposição em casar com pessoas anteriormente casadas e com filhos;
  - Altos rendimentos e educação tendem a reduzir a disposição para casar com pessoas anteriormente casadas e com filhos e de um baixo estatuto social, bem como com pessoas com características não – normativas
  - A mulher tenderá a casar com alguém com um background socioeconómico similar ao seu;
  - Mulheres com características não – normativas tendem a expandir o seu campo de eleição, e expressam uma grande vontade em casar com pessoas com características dissimilares;
  - Mulheres brancas – mais do que as mulheres negras - demonstram uma maior disposição em casar com alguém de outra raça.
- 

### **Metodologia**

O objetivo desta investigação consiste na avaliação da percepção subjetiva do critério sexual feminino sob a perspectiva evolucionista analisando as diferenças no critério adotado para a escolha de um parceiro a longo e a curto prazo, procurando averiguar a validade desta teoria quando aplicada à atual realidade feminina. Neste sentido, constituem-se problemas de investigação:

1. Será que existem diferenças nos critérios de escolha entre um parceiro a curto prazo e a longo prazo?
2. Será que os critérios definidos pela teoria evolucionista aplicam-se à escolha de um parceiro a curto prazo?

Neste sentido, propomos como hipóteses de investigação:

H0 = Não existem diferenças nos critérios de escolha entre um parceiro a curto prazo e a longo prazo;

H1 = Os critérios definidos pela teoria evolucionista não se aplicam à escolha de um parceiro a curto prazo.

Para proceder ao seu teste, aplicamos um questionário que se baseia num estudo realizado por Kendrick *et al.* (s.d., as cited in Andrae, 2003) na tentativa de identificar as qualidades preferidas pelas mulheres num potencial parceiro sexual e consta do agrupamento de características positivas nas quatro dimensões base da teoria evolucionista acerca do critério sexual.

A nossa amostra é constituída por 100 mulheres, de diversificados níveis socioeconómicos, diferentes estados civis, anos de escolaridade e profissões. Esta opção por recolher uma amostra o mais diversificada possível, prende-se com o nosso intuito de procurar compreender o que pensam as mulheres de diferentes áreas sociais, profissionais e etárias acerca das características que preferem num companheiro (a curto e a longo prazo). A distribuição da amostra por grupos etários é a seguinte: (15- 20 anos):7%; (20-25 anos):31%; (25-30 anos):12%; (30-35 anos):18%; (35-40):8%; 40-45 anos):11%; (45-50 anos): 9%; (50-55 anos): 2%; (55-60 anos):1% e (60-65 anos): 1%.

Quanto ao nível de escolaridade, 10% das mulheres tem a escola primária; 7%, o 2º ciclo, 19% o 3º ciclo, 44% tem o ensino secundário e 20% licenciatura ou bacharelato. Ainda no que respeita ao estado civil, 50% da nossa amostra é casada, 43% solteira, 3% encontra-se em união de facto e 4% estão divorciadas.

A amostra foi constituída aleatoriamente, à medida que obtínhamos a permissão de diferentes instituições para aplicar o nosso questionário.

### ***Apresentação e discussão dos resultados***

Como referimos anteriormente, a hipótese nula da nossa investigação define que, à luz da perspectiva evolucionista, não existem diferenças nos critérios de escolha femininos de um parceiro a curto e a longo prazo. Para avaliar a veracidade desta hipótese torna-se necessário, portanto, comparar cada uma das diferentes dimensões definidas pela referida teoria em relação a cada tipo de parceiro. Tendo em conta que a nossa amostra é demasiado pequena não poderemos utilizar a metodologia para testes paramétricos (a distribuição não é normal), pelo que, os testes a efetuar apoiar-se-ão em testes não - paramétricos.

Efetuamos a comparação das diferentes dimensões entre parceiro a curto e a longo prazo, através do teste Wilcoxon para duas amostras relacionadas, e os resultados revelaram que, na análise comparativa das diferentes dimensões - base, é possível a rejeição da hipótese nula, na medida em que o nível de significância de cada uma das dimensões perante as diferentes variáveis independentes consideradas (idade, escolaridade e tipo de coabitação) é inferior a 0,05.

Numa análise mais específica podemos constatar que no grupo etário 1 registam-se diferenças entre parceiro a curto e a longo prazo em todas as dimensões, sendo a beleza a dimensão que apresenta uma menor significância (0.007). As mulheres dos 15 aos 30 anos parecem dar mais importância à beleza num parceiro a curto prazo ( $X = 19.54$ ); quanto ao estatuto Social, a sua preferência num parceiro a longo prazo é bastante clara, constatando-se o mesmo resultado para a dimensão riqueza. A garantia de tranquilidade parece ser significativamente

importante num parceiro a longo prazo, constituindo o valor médio mais alto (33.60).

Comparando as mesmas dimensões relativamente ao grupo etário 2 (dos 30 aos 65 anos) concluímos que os resultados são bastante semelhantes, com a beleza sendo considerada mais importante num parceiro a curto prazo; enquanto o estatuto Social e a riqueza são critérios essenciais para a escolha num parceiro a longo prazo, seguindo-se a garantia de tranquilidade, que é o critério com uma média mais alta (32.42).

Tendo em conta a variável nível de escolaridade podemos analisar a existência dos mesmos resultados. Muito embora os três grupos atribuam mais importância à beleza num parceiro a curto prazo, o grupo de escolaridade 3 (curso superior) é aquele que mais importância atribui a esta dimensão. Quanto ao estatuto social e riqueza, estes parecem ser fatores considerados muito importantes pelos três grupos de escolaridade num parceiro a longo prazo, e a garantia de tranquilidade é, novamente, o item mais cotado.

Considerando a variável "em coabitação" e "em não coabitação" os resultados voltam a ser os mesmos, com a beleza representando o papel principal em relação à escolha de um parceiro a curto prazo e com estatuto social e riqueza, sendo considerados, pelos dois grupos, como critérios muito importantes na escolha de um parceiro a longo prazo, seguindo a garantia de tranquilidade.

Pelo exposto, de uma forma geral, podemos concluir que a hipótese nula deve ser rejeitada, visto que existem diferenças nos critérios de escolha entre um parceiro a curto e a longo prazo. Ou seja, a hipótese 1 é confirmada, revelando que em todas as variáveis consideradas a beleza tem uma média superior para um parceiro a curto prazo; indicando que este será um fator tido como mais importante na escolha de um parceiro deste tipo e não tão significativo na ponderação acerca de um parceiro a longo prazo. Contudo, quando comparamos esta dimensão com as restantes, vemos que a diferença de médias entre parceiro em curto e em longo prazo não é tão significativa como a diferença de médias das outras dimensões. Além disso, podemos igualmente comprovar que os valores médios da riqueza, estatuto social e garantia de tranquilidade num parceiro em longo prazo são significativamente superiores, o que possivelmente indicará um maior grau de exigência perante a escolha de um parceiro para uma relação duradoura.

Ainda neste âmbito, importa referir que a garantia de tranquilidade é a dimensão com o mais alto valor de média tanto num parceiro em curto prazo como num parceiro a longo prazo indicando que este será o requisito mais importante para as mulheres da amostra, independentemente do tipo de parceiro. Em curto prazo, o fator menos cotado é o estatuto social, seguindo-se a riqueza; e a beleza constitui o

segundo fator mais importante quando está em causa um parceiro a curto prazo. Também em longo prazo, o fator menos encontrado é o estatuto social, seguindo-se a beleza. Por sua vez, a riqueza é o segundo fator mais cotado.

Como vemos, existem diferenças entre os critérios de escolha entre um parceiro a curto e a longo prazo sob a perspectiva da teoria evolucionista. Contudo, estas diferenças não são apenas evidenciadas pelos testes que acabamos de realizar.

Na verdade, como vimos anteriormente, quando apresentamos a ponderação acerca de um parceiro a longo prazo, os critérios femininos parecem realmente obedecer às dimensões-base definidas pela perspectiva evolucionista. Os cinco fatores válidos definidos para um parceiro a longo prazo e que explicam 64.2% da variância total correspondem exatamente aos critérios definidos pela perspectiva evolucionista: beleza, estatuto social, riqueza e garantia de tranquilidade (note-se que foi criado mais um fator na subescala parceiro a longo prazo: êxito social, que a um nível qualitativo integra-se na dimensão-base estatuto social).

No entanto, no que diz respeito à subescala parceiro em curto prazo, a variância total é explicada por bastantes mais fatores, indicando que as dimensões-base definidas pela perspectiva evolucionista, por si só, não bastam para explicar a variância total das respostas. Desta forma, poderíamos deduzir que existe algo mais nos critérios de seleção sexual feminina na escolha de um parceiro em curto prazo, que não é convenientemente explicado pela teoria evolucionista.

Este aspecto conduz-nos à hipótese 1 da nossa investigação: os critérios definidos pela teoria evolucionista não se aplicam a um parceiro a curto prazo.

Para tentar aprofundar este aspecto recorreremos, à semelhança do que fizemos na hipótese anterior, ao teste Wilcoxon (não paramétrico para dados emparelhados), comparando os diferentes fatores de um parceiro a curto prazo, na tentativa de averiguar se existem diferenças significativas entre eles. Realizamos, ainda, comparação de médias, procurando verificar quais os fatores mais importantes na escolha de um parceiro sem a previsão de um compromisso.

*Comparação de níveis de significância dos diferentes fatores da subescala Parceiro a curto Prazo (beleza/aparência física, beleza/estatuto social; beleza/garantia de tranquilidade beleza/riqueza e beleza/perspectiva de riqueza)*

Pela significância bilateral da comparação dos diferentes fatores da subescala parceiro a curto prazo podemos concluir que existem diferenças significativas entre a grande maioria deles na medida em que a maioria dos valores são inferiores a 0.05.

Podemos constatar que, quando considerada a variável "nível de

escolaridade 3", o grau de significância na comparação dos fatores beleza e garantia de tranquilidade revela a inexistência de diferenças estatisticamente significativas já que o seu valor é de 0.896. Assim, podemos concluir que quando ponderam acerca da escolha de um parceiro a curto prazo as mulheres com estudos de nível superior consideram que beleza e garantia de tranquilidade são atributos de igual importância. Para uma adequada quantificação da importância dada a cada um dos fatores recorreremos à análise das médias e obtivemos os seguintes resultados.

**Quadro 2** – Comparação das médias de cada fator constituinte da subescala parceiro a curto prazo.

	<b>Garantia de Tranquilidade</b>	<b>Beleza</b>	<b>Perspectiv a riqueza</b>	<b>Estatuto Social</b>	<b>Riquez a</b>	<b>Aparência Exterior</b>
Grupo de idades 1	X=27.92	X= 19 37	X=3.54	X=5.62	X=10.7	X=4.34
Grupo de idades 2	X=24.64	X= 19 54	X=3.20	X=5.94	X=13.0	X=4.76
Escolaridade 1	X=25.08	X= 17 86	X=3.39	X= 5.94	X=12.9	X= 4.72
Escolaridade 2	X=28.93	X= 19 91	X=3.64	X=5.70	X=10.8	X=4.48
Escolaridade 3	X=22.60	X= 21 70	X=2.75	X=5.65	X=12.2	X=4.40
Em coabitação	X= 28.60	X=19.4	X=3.57	X= 5.70	X= 12 77	X= 4.43
Em não coabitação	X= 24.23	X= 19.38	X= 3.19	X= 5.85	X= 12.83	X= 4.66

Como vemos, num parceiro a curto prazo além das quatro dimensões-base da teoria evolucionista, existem mais dois fatores que parecem explicar a variância total das respostas, indicando a insuficiência ou inadequação desta perspectiva na tentativa de explicar esta temática: a perspectiva de riqueza e a aparência exterior.

Além destes fatores importa ainda referir que esta variância é igualmente explicada por mais dois fatores: as características da personalidade e o êxito social, que têm um bom grau de consistência interna (.77 e .87 respectivamente). No entanto, não pudemos ter em conta estes fatores na averiguação da segunda hipótese do nosso estudo pois não obtivemos sujeitos suficientes para efetuar este tipo de teste.

Comparando a média dos fatores válidos desta subescala podemos concluir que o critério considerado mais importante pela generalidade dos grupos é a garantia de tranquilidade, seguindo-se a beleza, riqueza, estatuto social, aparência exterior e, por fim, a perspectiva de riqueza.

Considerando os dois fatores mais cotados – a garantia de tranquilidade e a beleza – podemos constatar que é o grupo de

escolaridade 3 (licenciatura ou bacharelato) que mais importância atribui a este fator e que mais desconsidera a Perspectiva de Riqueza. Por sua vez, o grupo em coabitação, é o grupo que mais importância atribui a este fator.

Neste âmbito, importa realçar que a garantia de tranquilidade e beleza apresentam uma diferença de cotação perante os restantes fatores, bastante significativa. Senão vejamos: o menor valor atribuído ao critério Beleza (o segundo mais importante) é de 17.86, enquanto o maior valor atribuído à Riqueza (terceiro fator mais importante) é de 13.2 (uma diferença de 4.6).

Quanto ao estatuto social, os valores mais altos são apresentados pelos grupos de idade 2 e grupo de escolaridade 1, enquanto o grupo de idade 1 é o que menos importância atribui a este fator. (Neste âmbito importa ainda referir que as diferenças apresentadas entre os grupos não são muito grandes).

A riqueza (terceiro fator mais importante na generalidade dos grupos) é considerada muito importante pelo grupo de idade 2 sendo que o grupo de idade 1 é o que apresenta menores valores.

Já a aparência exterior, apesar de não registar grandes diferenças entre os diferentes grupos é menos referida pelo grupo de idade 1 e mais valorizada pelo grupo de idade 2.

Assim, como podemos ver, a teoria evolucionista é insuficiente para explicar a escolha feminina num parceiro a curto prazo que, para além de ter em conta as referidas dimensões – base desta perspectiva, obedece a critérios que não englobam o sucesso reprodutivo. Na verdade, apesar de apresentar valores muito baixos a aparência exterior, que não se engloba no critério de sucesso reprodutivo, explica a escolha feminina num parceiro sem compromisso.

### ***Reflexões Finais***

Como já referimos anteriormente, o presente estudo enquadra-se num estudo mais abrangente sobre a sexualidade masculina e feminina. Nesta parte do estudo, o principal objetivo era a análise da percepção subjetiva do critério sexual feminino, no que toca às diferenças na escolha de um parceiro a longo e a curto prazo, procurando averiguar a validade da teoria evolucionista quando aplicada à atual realidade feminina.

Da análise dos dados recolhidos concluímos que existem diferenças na escolha de um parceiro a curto e a longo prazo e, de acordo com o que se esperava tendo em conta a teoria evolucionista, quando ponderavam acerca da escolha de um parceiro a longo prazo, as mulheres realmente demonstravam preferência por atributos representativos da posse de recursos; enquanto a curto prazo, pareciam dar muita importância à beleza.

Há, contudo, um fator na nossa análise que deve ser tido em conta e referenciado: muito embora, de uma forma geral as mulheres demonstrem preferência por parceiros com posse de recursos para uma relação com vista a um compromisso, e preferência por parceiros bonitos quando a natureza da relação não era um comprometimento – tal como explica a teoria evolucionista – a verdade é que, em ambos os casos, o que se sobressai é a preferência que é dada à garantia de tranquilidade. Isto demonstra que este fator constitui o mais importante atributo requerido num homem independentemente da tipologia relacional.

Estas conclusões põem em causa os pressupostos definidos pela perspectiva evolucionista na medida em que contrariam, por um lado, a ideia de riqueza e posse de recursos como os mais importantes atributos num parceiro a longo prazo – podendo assim suportar os gastos de toda uma família e o que isso implica – e a pressuposição da beleza física como critério essencial para a escolha de um parceiro a curto prazo. Por outro lado, vêm definir a garantia de tranquilidade como o mais importante fator a ter em conta nos dois casos.

Estes resultados, na perspectiva de um parceiro a longo prazo, também vêm contrariar o pressuposto evolucionista da escolha do parceiro que melhores condições teria de assegurar o sucesso reprodutivo da mulher, já que, um companheiro fiel, carinhoso, atencioso e amável não seria necessariamente aquele que garantiria com toda a certeza o seu sucesso reprodutivo. Ou seja, parece haver indícios de que, em vez de procurar aquele que mais recursos teria para assegurar e suportar as consequências de uma reprodução saudável a mulher tenderia a escolher aquele que lhe asseguraria uma relação emocional estável.

Considerando a atual realidade social feminina, esta conclusão parece revelar-se bastante compreensível. Afinal, se as mulheres têm recursos para deter efetivamente o poder sobre os diferentes âmbitos da sua vida, têm também uma maior liberdade para escolher o seu parceiro sexual, sem necessidade de estarem sempre a ponderar os custos futuros da relação (investimento sexual).

Apesar de ainda faltar às mulheres um longo percurso para um salto qualitativo de independência e igualdade de direitos face aos homens (basta olharmos para os dados de violência de género e as disparidades salariais para postos semelhantes com claro benefícios para os homens), a necessidade de escolher um parceiro que, a longo prazo, garanta a segurança e subsistência da sua família começa a deixar de fazer sentido, pois a mulher, por si só, é já capaz de o fazer. Assim sendo resta-lhe uma maior liberdade para ter em conta as características que indiquem uma maior probabilidade de realização sentimental, amorosa e relacional.

O mesmo se aplica à escolha de um parceiro a curto prazo onde se contrariou a tendência definida em procurar o parceiro mais bonito. Na realidade, também aqui se constata que a mulher tenderia a valorizar a qualidade da relação – ainda que livre de compromissos.

Posto isto, podemos afirmar que, provavelmente, os pressupostos definidos pela teoria evolucionista seriam inadequados, na medida em que se parece confirmar o pressuposto da teoria neoanalítica de Chodorow e também da teoria do "Script" de que as mulheres estão muito mais orientadas para a qualidade da relação e da intimidade relacional.

De qualquer modo, devemos tomar com prudência estes resultados, pois o fator Beleza é logo o segundo mais importante, representando, em conjunto com a garantia de tranquilidade, os fatores mais significativos encontrados. Ou seja, pelas limitações com que nos deparámos ao longo da investigação (pouca bibliografia específica, amostra reduzida, utilização de testes não-paramétricos), os resultados não devem ser generalizados através da conclusão de que a garantia de tranquilidade, em detrimento do fator beleza, definido pela perspectiva evolucionista, é o mais importante atributo considerado na escolha de um parceiro a curto prazo.

Desta forma, resta-nos esperar que se possa dar continuidade a esta investigação através de uma maior amostra, representativa da população portuguesa e de um questionário validado e aferido, cujos dados possam ser trabalhados com testes paramétricos, de forma a atendermos à especificidade das várias diferenças encontradas.

### ***Referências Bibliográficas***

- Andreae, S. (2003). **Anatomia do desejo - A ciência e a psicologia do sexo, do amor e do casamento.** (Leonor Figueiredo, originalmente editado em 1998). Porto: Campo das Letras.
- Birnbaum, G. & Brandt, L., D. (2002). Gender differences in the experience of sexual intercourse. **The Canadian Journal of Human Sexuality.** 11(3): 143-158.
- Dixson A., Halliwell, G., East, R., Wignarajah, P. & Anderson M. (2003). Masculine somatotype and hirsuteness as sexual attractiveness to women. **Archives of Sexual Behavior,** 32(1), 29-39.
- Gilligan, C. (1997). **Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher.** (Natércia Rocha, originalmente editado em 1982). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hyde, J. S., & Oliver, M. B. (2000). Gender differences in sexuality: results from meta-analysis. In C. Brown Travis, & J. W. White (Eds.), **Sexuality, society, and feminism** (pp. 57-78). Washington, DC: American Psychological Association.
- Lichter, D. T., Anderson, R. N. & Hayward, M. D. (1995). Marriage markets and marital choice. **Journal of Family Issues.** 16, 412
- Sanderson (2003). **The sociology of human sexuality - a darwinian alternative to social constructionism and postmodernism.** Comunicação apresentada na Conferência Anual da American Sociological Association, Georgia.
- Shackelford, T. K., Goetz, A. T., LaMunyon, C. W., Quintus, B. J., &

- Weekes-Shackelford, V. A. (2004). Sex differences in sexual psychology produce sex similar preferences for a short-term mate. **Archives of Sexual Behavior**, 33, 405-412.
- Sprecher, S. (2001). Equity and social exchange in dating couples: associations with satisfaction, commitment, and stability. **Journal of Marriage and Family**, 1(63), 599-613
- Surra, C., A. (1990). Research and theorie on mate selection and premarital relationships in the 1980s. **Journal of Marriage and Family**. 52, 844-865

# Associação Brasileira de Editores Científicos

